

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA CAROLINA ALVES

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MÍDIAS EM NARRATIVAS DA VIDA

UBERLÂNDIA, 2023

MARIA CAROLINA ALVES

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MÍDIAS EM NARRATIVAS DA VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Franco Carvalho

UBERLÂNDIA, 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 13/2023/835, PPGED				
Data:	Oito de março de dois mil e vinte e três	Hora de início:	15:00	Hora de encerramento:	17:45
Matrícula do Discente:	12112EDU026				
Nome do Discente:	MARIA CAROLINA ALVES				
Título do Trabalho:	"Comunicação, Educação e Mídias em Narrativas da Vida"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Amplia: conexões arte-ciência no museu e na escola"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Amanda Maurício Pereira Leite - UFT; Eliane Regina Pereira - UFU e Daniela Franco Carvalho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Daniela Franco Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/03/2023, às 08:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Regina Pereira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/03/2023, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AMANDA MAURICIO PEREIRA LEITE, Usuário Externo**, em 10/03/2023, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4318891** e o código CRC **95151DCB**.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A474c
2023 Alves, Maria Carolina, 1995-
 Comunicação, educação e mídias em narrativas da vida [recurso eletrônico] / Maria Carolina Alves. - 2023.

 Orientador: Daniela Franco Carvalho.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.

 Modo de acesso: Internet.

 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7132>

 Inclui bibliografia.

 Inclui ilustrações.

 1. Educação. I. Carvalho, Daniela Franco, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Glória Aparecida
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047

DEDICATÓRIA

*Para a garotinha do banquinho cor de rosa e
seus paraquedas coloridos*

AGRADECIMENTOS

*De todas as coisas, eu espero que você permaneça
Em mim
De todas as cores, eu espero que você azuleje
(Binóculos- Letuce)*

Agradeço à Dani Franco pela orientação atenta e amorosa, por tantas oportunidades e por receber com entusiasmo e confiança meu trabalho e minha amizade.

Ao meu querido amigo Tiago Amaral por me semear pesquisadora, pelas parcerias na pesquisa e na docência: brindemos essa troca saborosa que temos.

Agradeço à minha irmã de coração, May, pela leitura delicada e afetuosa desse texto e pela profundidade sincera do que somos nós.

À Inaê e à Maria Leonor por me inspirarem artista e liberdade.

Agradeço aos meus amores Leandro e Rafael por todo o amor na convivência do cotidiano, na partilha da vida, no suporte e no cuidado. Eu amo vocês!

À minhas irmãs Mari e Ana e aos meus pais Cida e Dalcir por acreditarem na minha carreira com tanto amor, pelo apoio e por suportarem junto comigo a distância. Espero vê-los logo!

Agradeço às cada uma das Filhas de Vênus que pelas trocas de mensagens me ensinam a viver, sem fronteiras, diversidades em diálogos nesse país a fora.

Aos professores Daniel Padilha, Lúcia Estevinho, Amanda Leite e Eliane Pereira e aos coletivos UIVO e amplia pela contribuição intelectual.

E, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo financiamento primordial.

Muito, muito obrigada.

RESUMO

À procura de capturar a experiência no viver contemporâneo junto da perspectiva de enunciação e comunicação dialógica de Bakhtin (1996, 2011, 2016, 2017, 2018, 2020) e Volóchinov (2017, 2019), relacionamos aspectos da linguagem e das relações com o outro que ocorrem na estratificação sócio-discursiva de um antropoceno em ruínas. Para promover melhor entendimento da própria participação integrante na cultura visual abordamos a narrativa, com base em Clandinin e Connelly (2011) e Serodio e Prado (2015, 2017), quanto metodologia de pesquisa marcada pela construção de argumentações a partir da própria experiência singular, participativa e fronteira na relação para com o outro, enquanto, Anna Tsing (2019), Donna Haraway (2016), Susana Dias (2020), Ailton Krenak (2020), entre outros autores, junto de obras musicais adensam a materialidade do antropoceno e sua potência natural. Apontamos vislumbres que uma pesquisa sobre comunicação, educação e mídias pode trazer, através de narrativas da vida, produção cognoscente a partir daquilo que é excedente na relação eu-outro, que se manifesta de diferente na reelaboração, nos modos de vida outros, no ciberespaço e em sua cultura associada ao tecer modos de pensar junto com a força imagética e o som. Procuramos trazer à cena e ao contexto de escrita atravessamentos pela música e imagens de presença criativa como textos de campo, que auxiliam a deriva no arcabouço de pesquisa. Ao experimentar uma pesquisa sensível, costuramos criações que agregam, tangenciam e tensionam enunciados em movimento: produções as quais ao mesmo tempo que foram criadas, enunciadas, em determinado tempo e lugar, se fazem pulsante em novos enunciados de contextos, palavras e entonações outras. Apresentamos questões contemporâneas presentes no comunicar cotidiano de um educador e sua consequente contribuição para pesquisas em educação. Nesse ponto, relacionamos aspectos da comunicação, da linguagem, da relação com o outro de encontro com a potência da criação e seus entremeios com a ciência proporciona melhor direcionamento de intencionalidade e responsabilidade na cadeia discursiva, palco da ação do professor e de novas produções desse campo no cenário atual ao possibilitar, assim, melhor entendimento da própria participação integrante na irrevogável cultura visual e cibernética, pano de fundo dessa narrativa dissertativa que nas fronteiras da criação instiga desconstruções de um olhar preferencial de mundo.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; Pesquisa-Narrativa; Criação; Diálogo; Singularidade;

ABSTRACT

In an attempt to capture the experience of contemporary living with the perspective of enunciation and dialogical communication by Bakhtin (1996, 2011, 2016, 2017, 2018, 2020) and Voloshinov (2017, 2019), we related language aspects to the relationship with one another which occur in the socio-discursive stratification of a ruined Anthropocene. Basing on Clandinin and Connelly (2011) and Serodio and Prado (2015, 2017), we applied a narrative inquiry approach to provide a better understanding of one's own active participation in the visual culture, developing argumentation founded on our singular, participative and borderline experience with the others, while, Anna Tsing (2019), Donna Haraway (2016), Susana Dias (2020), Ailton Krenak (2020), densifies the Anthropocene and its materiality. This research on communication, education, and media brought knowledge production from what exceeds itself in the relationship with others, the difference, the re-elaboration amid cyberculture, by weaving ways of thinking together with the creative force aims to bring to the writing context crossed by music and images as field texts, which help to drift in the research framework. This sensitive research aggregated, tangent, and tensioned creations in motion: productions established some time and somewhere are pulsating into new statements with different contexts, words, and intonations. Contemporary issues of an educator are related to aspects of communication, language, relationship with one another, and the power of creation and its interaction with science which provide a better understanding and responsibility in the teacher's discursive chain, thus allowing a better comprehension of its participation in the visual and cybernetic culture, the base for this dissertation that, at the borders of creation, instigates deconstructions of a preferential view at the world.

Key-Words: Mikhail Bakhtin; Narrative-Inquire; Creation; Dialogue; Singularity

SUMÁRIO

PISTAS E RASTROS	11
1. MOVIMENTOS E PERCURSOS: ANTROPOCENAS E CONTEXTOS	19
2. CORES E SONS: PRODUTOS DA CULTURA IMATERIAL EM PERSPECTIVAS	39
3. DERIVA, DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS NA CIBERCULTURA UBÍQUA DO ANTROPOCENO	50
4. NARRATIVAS DE CIENTISTAS, DESDOBRAMENTOS DA UNIDADE DA PALAVRA:	63
PALAVRAS FINAIS	72
REFERÊNCIAS	73

PISTAS E RASTROS



Não há exatamente uma maneira correta de iniciar esse memorial. Mergulhada em pensamentos e lembranças das marcas que me trouxeram até aqui, e daquelas que continuarão. Até porque, como saberia. Na cartografia de Rolnik o texto escrito vem depois de um tempo de “cura”, “maturação”, não consigo concordar menos com ela, não por acaso esse arquivo tem muitos dias desde criado, não por acaso havia apenas o nome do arquivo, menos coincidente ainda os meses de distância entre seu início e seu desenvolvimento. Porém, ter estado em branco não precede seu processo de materialização. Não pretendo exaurir minha trajetória acadêmica-pessoal no mundo, não garanto objetividade. Esse é como um texto de campo, sonhos e devaneios compartilhados. Histórias, lutas e aprendizados transbordados.

Minha memória mais distante quando penso em Educação na minha vida é do dia em que, no intuito de ajudar uma amiga a entender um conteúdo de uma prova que teríamos no dia seguinte, eu desenhei com giz alguns números no quintal de casa. Eu devia estar na terceira ou quarta série, claro que eu não lembro o conteúdo, mas lembro de largar os livros no escritório e partir pro quintal onde em um ímpeto tentei explicar a matéria. Não é como se eu a dominasse inteiramente. Mas para mim era de imensa importância que minha amiga entendesse também. Disserto sobre acessos... eu gosto de ajudar pessoas.

Quando criança queria ser bióloga marinha, tinha interesse pelos animais e pela natureza, a menina da cidade grande que passava as férias na chácara do avô e da minha

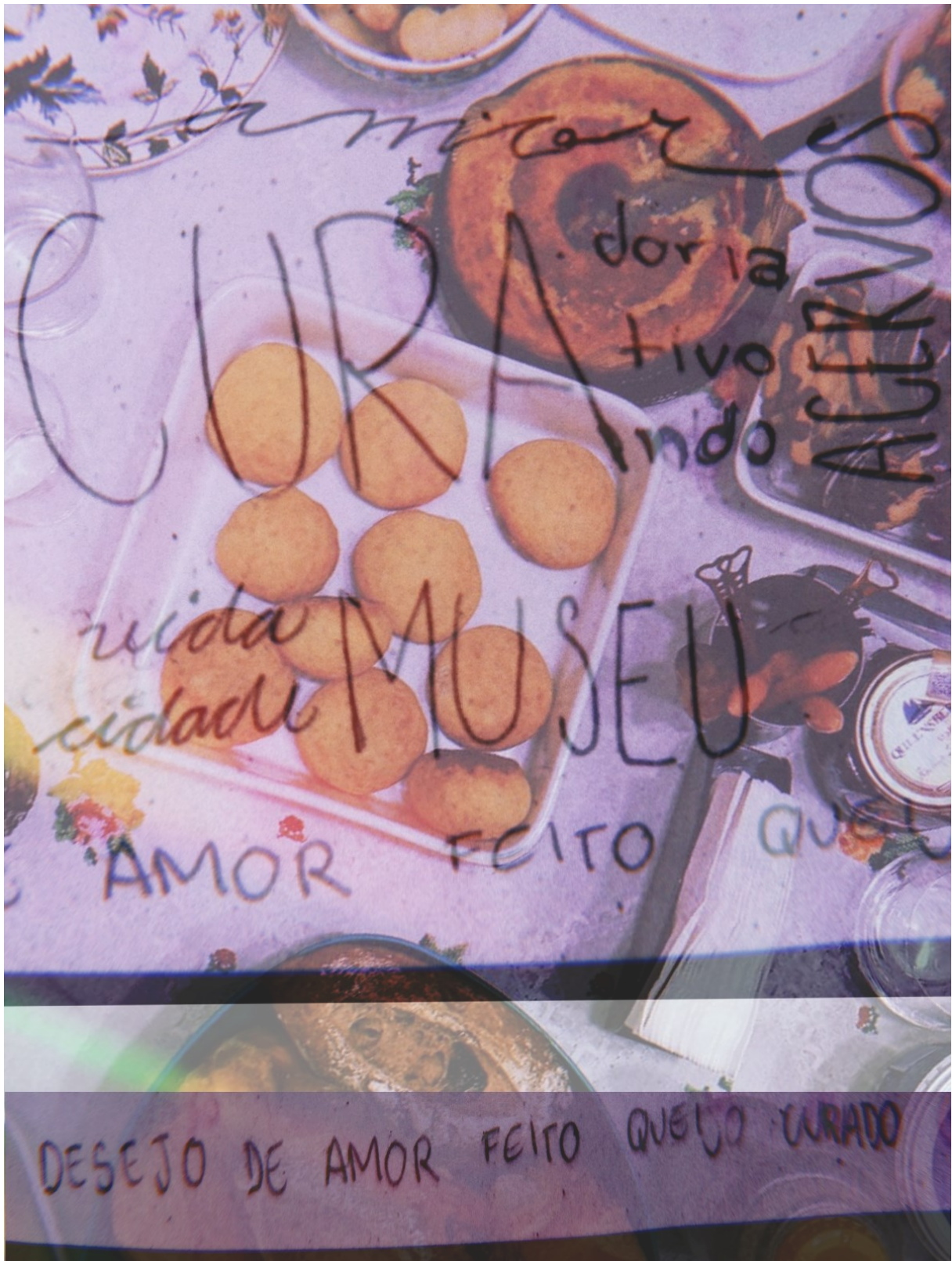
madrinha. Eu sempre tive curiosidade sobre os mistérios da vida. Sempre fui obcecada com água: piscinas, mar e cachoeira eram uma alegria para mim.

Eu tive uma educação sócio financeiramente privilegiada. Minha formação básica foi em rede privada e, já que não dá pra desprivilegiar privilégios, eu tive bom treinamento pré-vestibular e pude escolher a universidade e o curso que continuaria minha formação acadêmica. Eu passei em Ciências Biológicas na USP em 2013. Direto do terceiro ano com 17 anos eu fui morar sozinha em Ribeirão Preto. Eu teria uma formação no “estudo da vida” e ainda poderia escolher entre Licenciatura ou outras três frentes de especialização em áreas específicas dentro da biologia no quinto semestre. Festa!

Eu sabia que escolhendo Ciências Biológicas eu poderia seguir carreira de ensino, de pesquisa ou de serviço, e até então eu não fazia ideia de que (1) essa delimitação não é nem um pouco clara, ou sequer possível e que (2) eu seria completamente apaixonada, sugada, rendida, sequestrada pela educação de ciências. Pois bem.

Lá, no primeiro semestre tive contato com a mediação em museus de ciências através de um seminário sobre o tema que apresentei com apoio do Laboratório de Ensino. E lá também tive meu primeiro contato com a escola pública, no estágio supervisionado e no PIBID, projeto que participei por seis meses antes de trocar de faculdade. Pois é, três semestres depois eu entrei na Biologia da UFU. Motivos que variam do pessoal ao prático. Enfim, em outubro de 2014 eu me mudo para Uberlândia, ingressei na UFU por vestibular e entrei como caloura para o curso de Bacharel. Sim. Negação que fala. Apesar de que eu sabia que era possível o pedido de permanência e vínculo e completar a licenciatura. Era essa a intenção, afinal, com a equivalência das disciplinas que eu havia feito na USP eu conseguiria adiantar as disciplinas da licenciatura e completar os dois graus no período burocrático de um. Justamente. Eu me formei Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas em agosto de 2019.

Nesses anos muita água passou por essa ponte que aqui vos fala. Maria, ponte de que? Entre meus pensamentos, minha história e aquilo que me compõe, ué, segue o fio porque essas coisas são aspectos imanescentes da construção de conhecimento que se procura em um relatório de pesquisa. Você não está entendendo nada? nem eu! Mas vamos lá que algumas coisas e pessoas se encontram, se perpetuam, e permanecem. Criam marcas.



Museu. Educação de Ciências em Espaços (in)formais de ensino. Estratégias de alfabetização científica inovadoras. Essas questões perpassaram por mim no período em que eu integrei o corpo de mediadores do Museu de Biodiversidade do Cerrado, de 2017 a 2019, no

atendimento às escolas, aos visitantes, e as diferenças de idade, de formação, de disciplina deles, na curadoria de novas atividades e exposições, na organização de agenda e gestão de equipe... trabalhando com a realidade prática, daquilo que se tem e se é possível, como fazer diferente e trazer inovação para o mesmo museu velho, de animais velhos e recurso quase zero?

Os trabalhos, discussões e levantamentos trazidos pelas disciplinas educativas vieram bem a calhar. Os estágios supervisionados me instigavam e me mostravam o outro lado da moeda. A realidade prática da maior porcentagem de visitantes do museu, os escolares. Além de me semear professora, docente, profissional da educação, essas experiências me levaram a pensar que parece que os alunos e a estrutura “rodam” em dispositivos diferentes, e talvez daí a dificuldade de comunicação, a dificuldade de se alcançar objetivos (ou seriam eles mal direcionados?).

Ciências e Mídias e Biologia e Cultura foram disciplinas chaves para esse entendimento. Me levaram a ampliar minha percepção acerca do meu entorno, me levaram a um olhar mais atento ao contexto, às particularidades, àquilo que é extraordinário, mas acontece o tempo todo quando se sabe olhar. Claro que elas não trouxeram respostas, apenas convites à novas possibilidades. Eu fui monitora em Ciências e Mídias¹ em dois semestres da graduação e essa experiência me aproximou de uma prática docente possível com amorosidade, com escuta e com acolhimento. O retorno com o estágio docência no mestrado não poderia ter sido menos alegre, nem menos potente.

As tantas mídias e narrativas com que tive contato nesses caminhos se mostraram irrevogavelmente presentes no ambiente digital e na cultura em que eu estava inserida. Tanto em posição de estudante, quanto de professora, mediadora ou monitora. Entenda, eu nasci em 1995 e acompanhei o avanço da cibercultura estando dentro dela, digerida e regurgitada como sujeito consumidor: os primeiros desktops domésticos com acesso à internet, da web 2.0 ao infinito e além, smartphones, redes sociais, plataforma de conteúdos diversos, nos mais diversos formatos de mídias digitais super conectas, hiperconectadas, dia e noite, em todo lugar no mundo (super)globalizado, hipermídias disponíveis a todo instante.

No anseio de compreender essa linguagem e que isso melhoraria minha ação educadora investiguei durante o trabalho de conclusão de curso da graduação os aspectos

¹ Disciplina obrigatória, a qual faz parte do currículo de formação de professores de ciências e de biologia, ofertada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no campus Umuarama da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

mediáticos na enunciação de conteúdo de ciências multidisciplinar em videoaulas para ensino superior disponíveis na plataforma YouTube e se eles atendem às esferas de comunicação e interação social proposta por Bakhtin e seu círculo quanto gênero discursivo. A produção intelectual proporcionada por essa pesquisa, apesar de desafiadora, me proporcionou a experiência da pesquisa ativa, da produção cognoscente, da escrita, da produção, uma materialização autêntica de um subjetivismo individual que muito contribuiu não só para minha formação, mas principalmente no entendimento de uma paixão: pesquisa em educação.

Essa trajetória foi se construindo em conjunto, com companheiros e companheiras de vida e de pesquisa, juntos construímos jantares, comemorações de prêmios, bancas, aprovações, qualificações, submissões, aceites, correções, publicações e participações em eventos... produção prática, pesquisas vividas. Me posiciono em resposta àquilo que compõe o meu auditório social. Influências-colete-à-prova-de-bala contra influências... o amigo foucaultiano, a matilha de estudos deleuziana, a orientadora bakhtiniana, o professor linguista, os “imposturas filosóficas²” spinozianos, o amplia³[ar] coletivo de fronteiras, a arte, a cultura, o contemporâneo e as mídias... Influências mil. Influências vis. Feito liquidificador axiológico compondo entendimentos meus, próprios, particulares, formando alteridades de mim mesma.

O que pode um ensino de ciências que esteja em ressonância com a ubiquidade da cibercultura? Como atingir esses sujeitos em meio a um antropoceno que rui à deriva do mesmo oceano que abriga, literalmente, o hiperespaço? os milhares de quilômetros de cabos de fibra óptica no fundo do oceano, em comunicação com um mundo todo vivo, que vive, que respira, que fala, que aprende, que ensina, que pesquisa, que... que...

...que me faz sensível: Em deriva pelos sentidos, pelo apelo do estético em uma sociedade de consumo, que comercializa inseguranças criadas em um mecanismo disciplinador. Podem condições físicas e fisiológicas ocupar o espaço de produtos de consumo possíveis, em diferentes níveis e escalas, de tempo, de valor e de comercialização? Há momentos em que a simples desconstrução da objetificação e sociedade patriarcal, hegemônica, não se fazem suficientes tendo o discurso de empoderamento também como discurso pré estabelecido. CORPO SOBRE CORPO SOBRE CORPO. Comercialização, obsessão, reprodução, subversão. A ciência deslocada do social. Sonho delirante de uma mídia emancipatória.

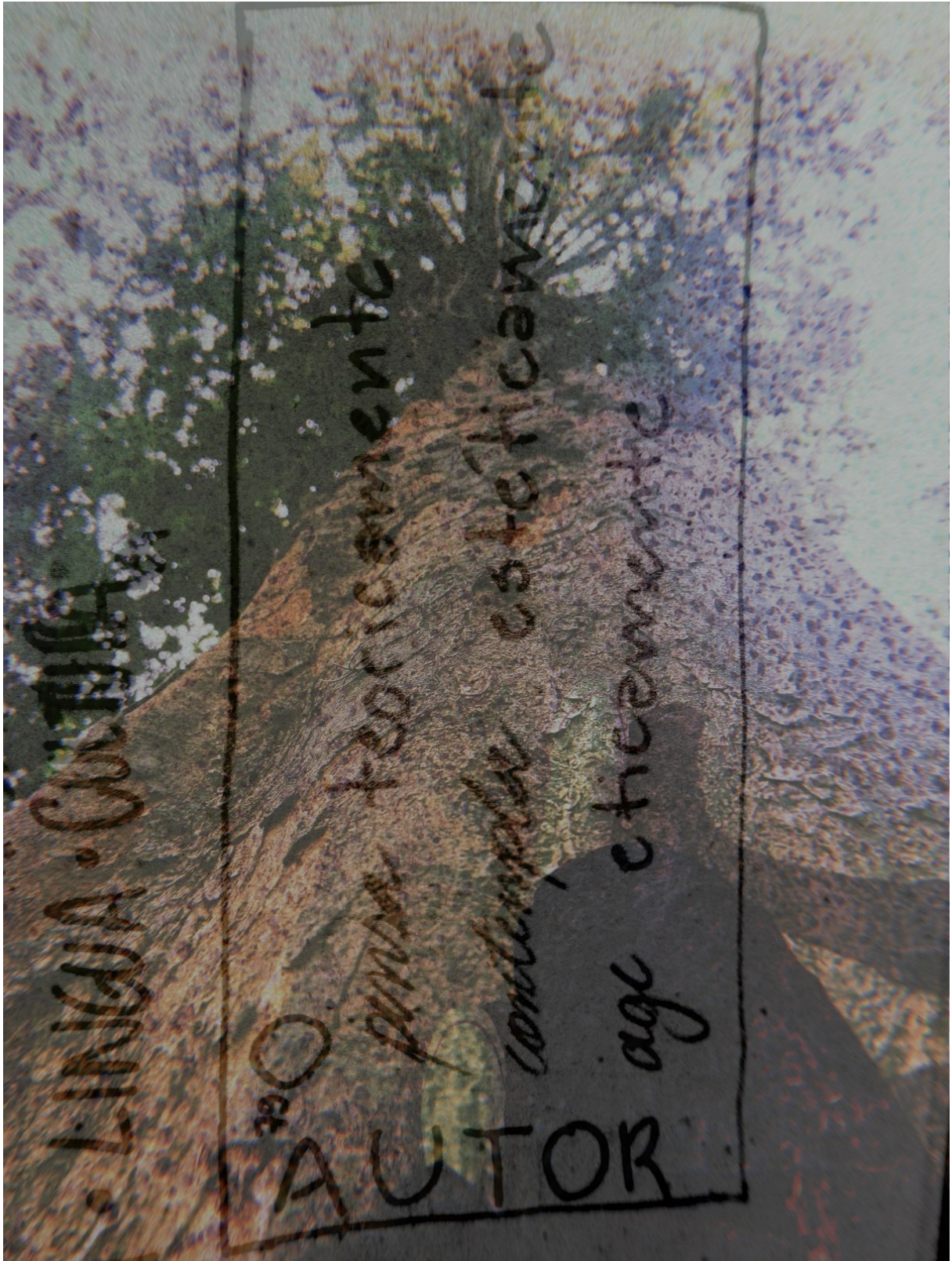
² Imposturas Filosóficas é o nome do quadro de podcasts do site de filosofia [Razão Inadequada](#).

³ <http://amplianarede.com.br/>

...que me faz amar através de registros fragmentários do intra-mente-coração: Coleciono amores, romances e afetos. Filosofia prática e Spinoza. Poliafetividade. Qual é a paisagem do acolhimento? Onde ele se dá? O retorno e a anarquia relacional. Bons afetos. Liberdade. Amor não-monogâmico. Antagônico. Contra moldes e regras sociais capitalistas, compulsórias. Disciplinamento, discurso e convivência. Desejos. Vontades. Sonho delirante de um ensino do/ao afetar-se, de uma possibilidade metodológica do cativo como raposas. Responsabilidade, responsividade, ato responsável, diálogo, linguagem, mídia, (auto) imagem e estimas. Nos rastros da amorosidade penso o fazer acadêmico, somos parentes... minha pesquisa e eu guiadas na mesma ética responsável. Entre agenciamentos pratico olhar (e ouvir) o outro, atenta me afeto com múltiplas alegrias (e tristezas). Quais aspectos comunicacionais dos relacionamentos? Qual é a composição de um amor-guia?

...que me faz pesquisar: Pensar e escrever pesquisa narrativa. Revisitas. Reviravoltas tridimensionais. Tempo. Dobras. Chaves viradas, recusas diárias. Viver na deriva, entre fronteiras. Escuridão, profundidade e solidude. Expandir-me como átomos. Energia em expansão no calor das ideias, dos delírios. Por de trás do filtro hegemônico me permito expressões autênticas, marcada me posiciono, me exponho em possíveis impossíveis, seguindo o desejo-inseto em direção do calor da luz, me encontro em desencontros, afeto e sou afetada, resisto junto a outros feito samba vanguardista, em devir-malandro. Eu quero novos horizontes e possibilidades de pesquisas igualmente rigorosas que rompem com o estruturalismo moderno, me empodero e me fortaleço com essa pesquisa narrativa sob perspectiva dos pressupostos de comunicação de Bakhtin e seu círculo.

...que me faz encantada com a dimensão da comunicação em recorte com a ciência e seus entremeios divulgacionais: narrativas científicas e midiáticas se entrelaçando como produtos de uma cultura imaterial, silenciosa, imbricados na língua e nos extratos sociais, nas escolhas das palavras, na entonação, na reprodução, na avaliação, na criação. Que vislumbres uma pesquisa sobre comunicação, educação e mídias pode trazer a partir de narrativas da vida no antropoceno? Entre ditos e não-ditos, dados e criados, quais vozes estão presentes nessa cadeia de diálogos ciberculturais? Compreensão e educação. Significação e reprodução... repete, repete, repete, discurso, discurso, discurso. Mídia. Dispositivo. Disruptiva eu sigo... sonho delírio da deslinearidade: ofereço lentes escalafobéticas pra um olhar preferencial de mundo. Aqui, eu provoco mais do que respondo.

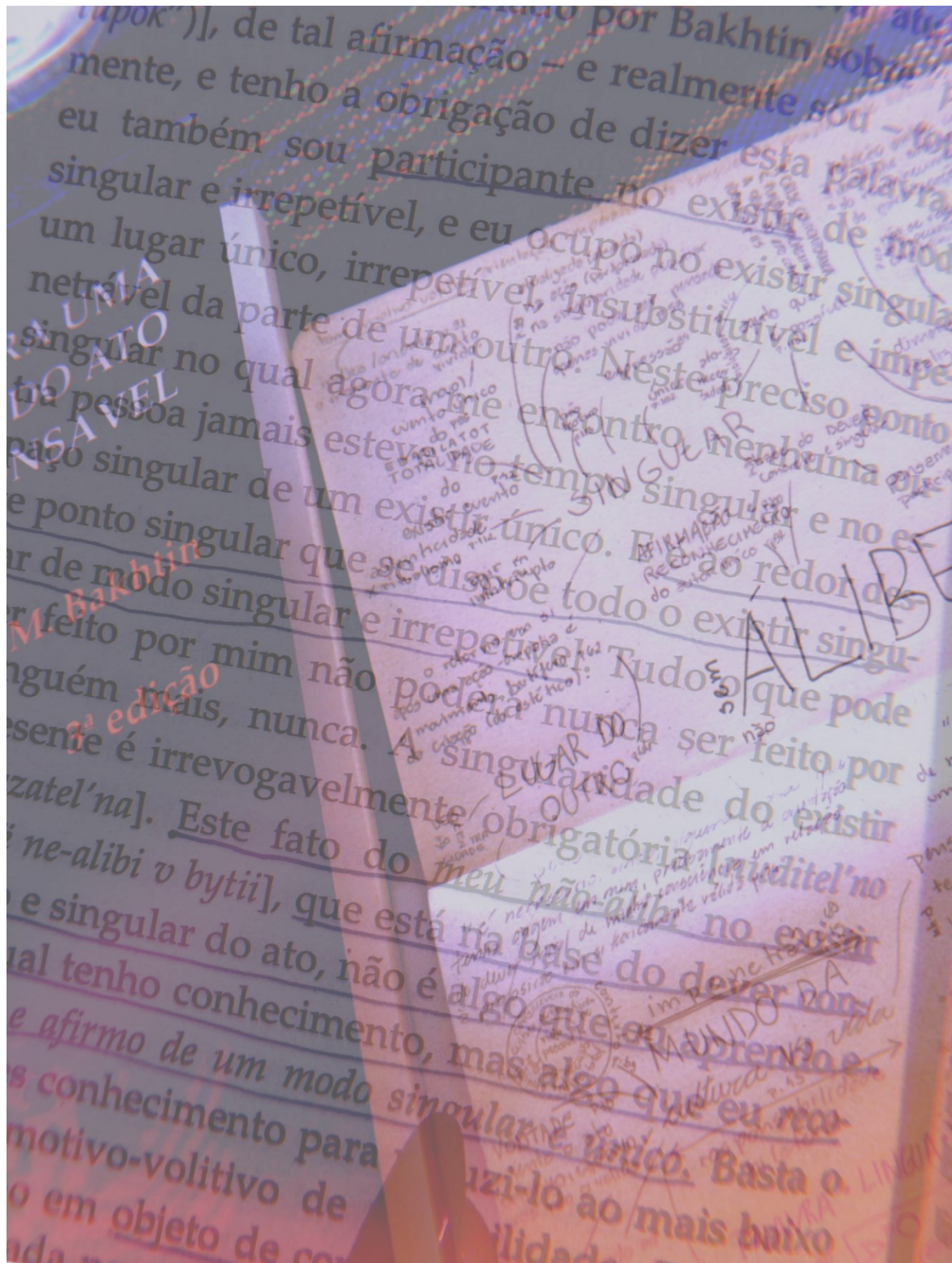


No percurso de pesquisa, a procura de quais vislumbres uma pesquisa sobre comunicação, educação e mídias pode trazer a partir de narrativas da vida no antropoceno, buscamos um fazer científico na organização da experiência, em conversações entre atravessamentos que contaminam nosso contexto, os textos de campo, as fotografias, aquilo que se escuta e aquilo se consume: negociações e tensões no espaço tridimensional de pesquisa, de vida, cada um com suas narrativas próprias e singulares, em paisagens do cotidiano. Em deriva articulamos imagens, conceitos, sons e criações formadoras de sentido apresentado em formato texto tal quanto parte da cadeia dialógica artística e científica.

Ao longo do capítulo um caracterizamos a pesquisa a partir de posicionamentos teóricos, epistemológicos e metodológicos que balizaram a produção intelectual e a escrita dos outros três capítulos. No capítulo dois procuramos trazer à cena e ao contexto de escrita atravessamentos pela música, e sua presença criativa também como textos de campo, auxiliando a deriva em tal arcabouço de pesquisa e de vida. No capítulo três procuramos apresentar paisagens, refúgios que contextualizam e estruturam visões, condições de existência em mundo ubíquo em ruínas. E por fim, no capítulo quatro, centralizamos problemáticas de questões ideológicas fomentadoras de visões preferenciais de mundo e alguns tensionamentos que podem ser feitos a partir de mídias virtuais, produtos culturais e outros enunciados, muitas vezes reforçados pelo discurso científico.

Por fim, e assim sendo, essa narrativa dissertativa é formada por esse memorial inicial e quatro capítulos que se seguem, compostos fundamentalmente por trechos e textos integrais que foram escritos em forma de publicações, ensaios, capítulos e artigos desenvolvidos ao longo do curso de mestrado acadêmico -sendo ao todo quatro submissões à avaliação de revistas e anais de eventos acadêmicos, voltados ao campo da educação. A entonação a seguir é um *eu-nós*, diluída de escritas conjuntas e/ou individuais, co-autorias, nascidas no limite da “vivência do nós” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 208), na voz de autoria coletiva individualmente compreendida no uso da terceira pessoa do plural do tempo verbal.

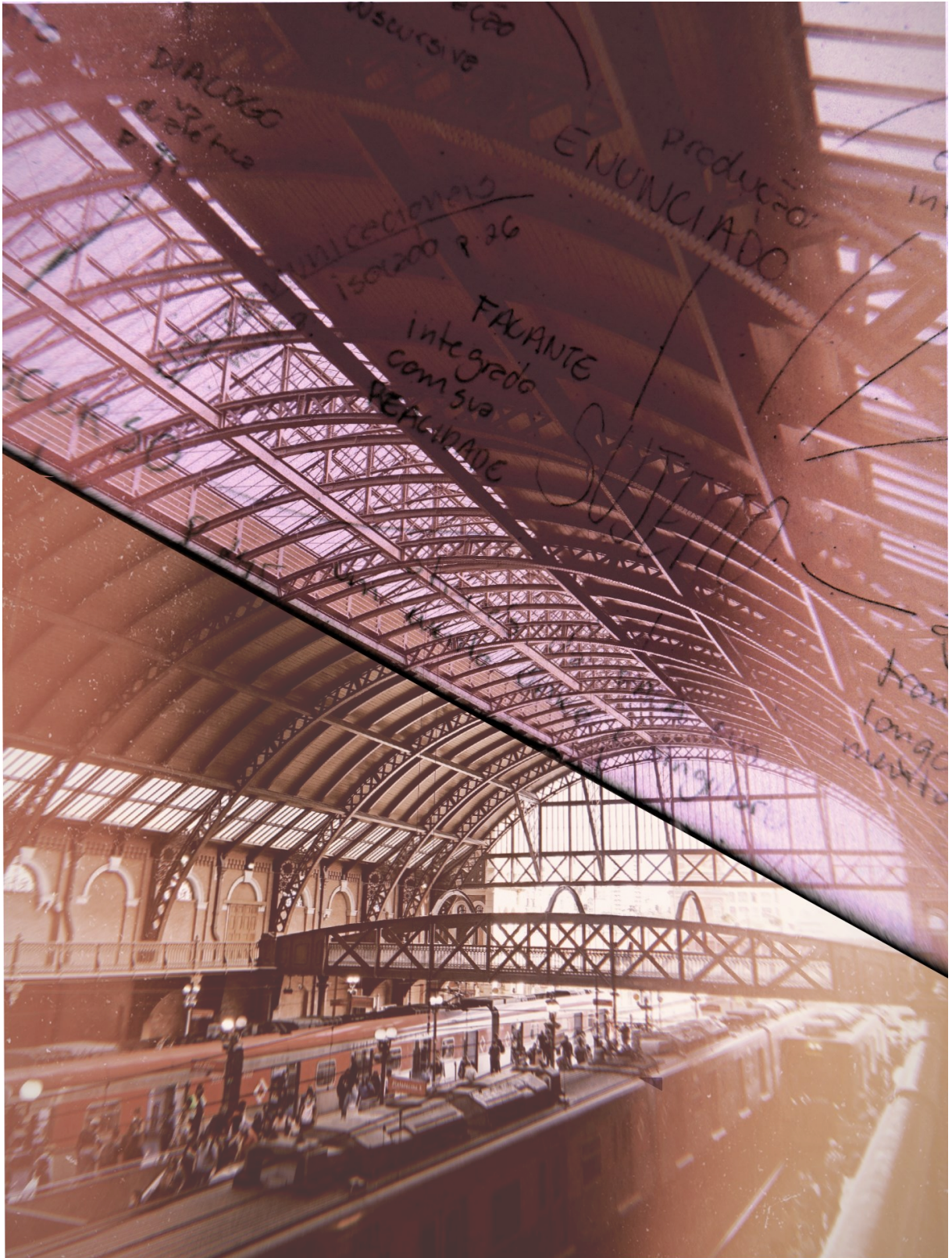
1. MOVIMENTOS E PERCURSOS: ANTROPOCENAS E CONTEXTOS⁴



⁴ O conteúdo desse capítulo compõe o ensaio "COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MÍDIAS EM NARRATIVAS DA VIDA" submetido para a revista *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade* em 20 de dezembro de 2022 (em avaliação).

A contemporaneidade permeada pelas tecnologias, e sua íntima relação com o coletivo, é marcada por sujeitos que vivenciam o tecnológico e o virtual cotidianamente, e muitas vezes, assim têm feito por todo percurso de sua vida. Sujeitos esses moldados no movimento das cidades pós modernidade, na cultura do virtual e da fluidez, do consumo e da produção. Exercitamos capturar a experiência com o olhar para o viver hipermoderno no ciberespaço e sua cultura associada tecendo modos de pensar junto com a música e com a força imagética.

À procura de quais vislumbres uma pesquisa sobre comunicação, educação e mídias pode trazer a partir de narrativas da vida, buscamos um fazer científico na produção de sentidos a partir da experiência, em atravessamentos que contaminam o contexto, negociações, e tensões de pesquisa, cada um com suas narrativas próprias e singulares, em paisagens do cotidiano. Habitar entremeios cibernéticos foi uma das vivências como estudante, e pano de fundo para ação docente, e, por isso, nos percebemos capturadas pela impermanência das paisagens do antropoceno, alterações que extrapolam o campo do natural, da conservação e do manejo, das mudanças climáticas ou do efeito estufa, mas dialogam com o universo cultural e com suas alegorias em movimentação. Velocidade e mudança. Ideologias imbricadas no poder e no consumo.



A atividade humana é plural e multifacetada, reconstitui e reproduz aspectos da língua e sua comunicação, quando vista de uma perspectiva de interação social é um meio nutritivo para criação de novas possibilidades de existência, com signos e palavras, suficientemente estáveis, fomentadas por enunciados criados a partir da relação dialógica entre o sujeito falante,

seu entorno, suas referências, repertório, e etc., em resposta àquilo que recebe e é direcionado para um auditório presumido, um ouvinte intrinsecamente sociológico.

Ao trazer a perspectiva de enunciação e comunicação de Bakhtin (1996, 2016, 2017, 2018, 2020) e Volóchinov (2017, 2019) apresentamos questões contemporâneas presentes no comunicar cotidiano de um educador e sua conseqüente contribuição para pesquisas em educação. Nesse ponto, relacionar aspectos da comunicação, da linguagem, da relação com o outro de encontro com a potência da criação, e seus entremeios com a ciência proporciona melhor direcionamento de intencionalidade e responsabilidade na cadeia discursiva, palco da ação do professor e de novas produções do cenário atual ao possibilitar, assim, melhor entendimento da própria participação integrante na irrevogável cultura visual e cibernética, pano de fundo dessa narrativa dissertativa.

Esse viver inacabado construído entre alteridades, avaliações, ideologias e desejos em um percurso impermanente conduzido por uma consciência singular, em comunicação de dentro para fora e de fora para dentro a partir do próprio repertório de vida, em resposta à enunciações percebidas nas paisagens habitadas, é adensado com Clandinin e Connelly (2011) e com Serodio e Prado (2015, 2017) através da narrativa quanto metodologia de pesquisa marcada pela construção de argumentações e de sentido a partir da própria experiência singular, participativa e fronteiriça na relação para com o outro.

Somado a isso, em 2020, a emergência sanitária provocada pela pandemia do novo coronavírus SARS/CoV 2⁵, ocasionou o fechamento das escolas e mudanças nas políticas educacionais no ano letivo de 2020 e 2021 no Brasil. No contexto do distanciamento social imposto pela pandemia emerge a disposição da Educação Remota, um processo de ensino-aprendizagem apoiado em práticas pedagógicas interpostas por plataformas digitais síncronas ou não (ALVES, 2020, p. 352).

Como no caso dessa pesquisa em questão. Tanto processo seletivo para o mestrado, quanto disciplinas, participação de grupo de pesquisa, encontros de orientação, de amigos, aniversários... a própria comunicação com o mundo, com o entorno, se fez, de repente através

⁵Esse parágrafo e os três seguidos compõe parcialmente o artigo “*YouTube* e gêneros hipermediáticos: aspectos bakhtinianos na enunciação de ciências biológicas voltada para ensino superior no Youtube” submetido para a Revista *Docência e Cibercultura* em 31/05/2022. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/67678>.

de telas durante tamanha emergência sanitária. Ainda assim, apesar do isolamento físico, uma comunicação ubíqua, em deriva, se materializa em escrita.

A interação entre sujeitos em momentos e espaços diferentes, possibilitada pelas tecnologias digitais, proporciona novos processos de ensino e aprendizagem voltado para o interativo, flexível e descentralizado, um contraponto das práticas educativas tradicionais. Assim, espera-se que o professor opere como mediador e suporte de tais processos e que o estudante aprenda nos princípios da autonomia e diálogo, e por isso, os desafios de aprender como ensinar em meio virtual vão além de conhecimentos específicos e envolvem competências sociais, linguísticas, interculturais, tecnológicas entre outras (CARMO; FRANCO, 2019, p. 11).

Ainda assim, apesar de tecnologias e interfaces digitais quanto potencializador do diálogo, da múltipla autoria, e do compartilhamento de sentidos em diferente linguagens e mídias, para que isso ocorra de forma efetiva, o contexto de práticas docentes transmissoras deve mudar, a integração das ferramentas cibernéticas deve ocorrer como estratégia e não como programa para podermos alcançar mudanças em termos de educação e aprendizagem. Isso porque, o ensino não se dá a partir de uma trajetória pré-determinada, guiada, mas sim como um itinerário a partir de uma formação coletiva dos sujeitos e suas mediações e estratégias cognitivas (SANTOS, 2006, p. 127-128).

Para Anna Tsing (2019, p. 245) o espaço que utilizamos, a cidade que habitamos, as paisagens que construímos configuram refúgios pensados em desejo, na introspecção, no antropoceno, para aqueles ameaçados, destoantes, coagidos pelas ruínas de poder, que, amparado na heteronormatividade social, decompõe espaços que dão palco para uma nova composição daninha, que compõe refúgios pouco a pouco, a partir da conjuntura de muitas trajetórias, humanas ou não humanas, a partir de um movimento na tentativa de “negociar sobrevivência colaborativa” (TSING, 2019, p. 247).

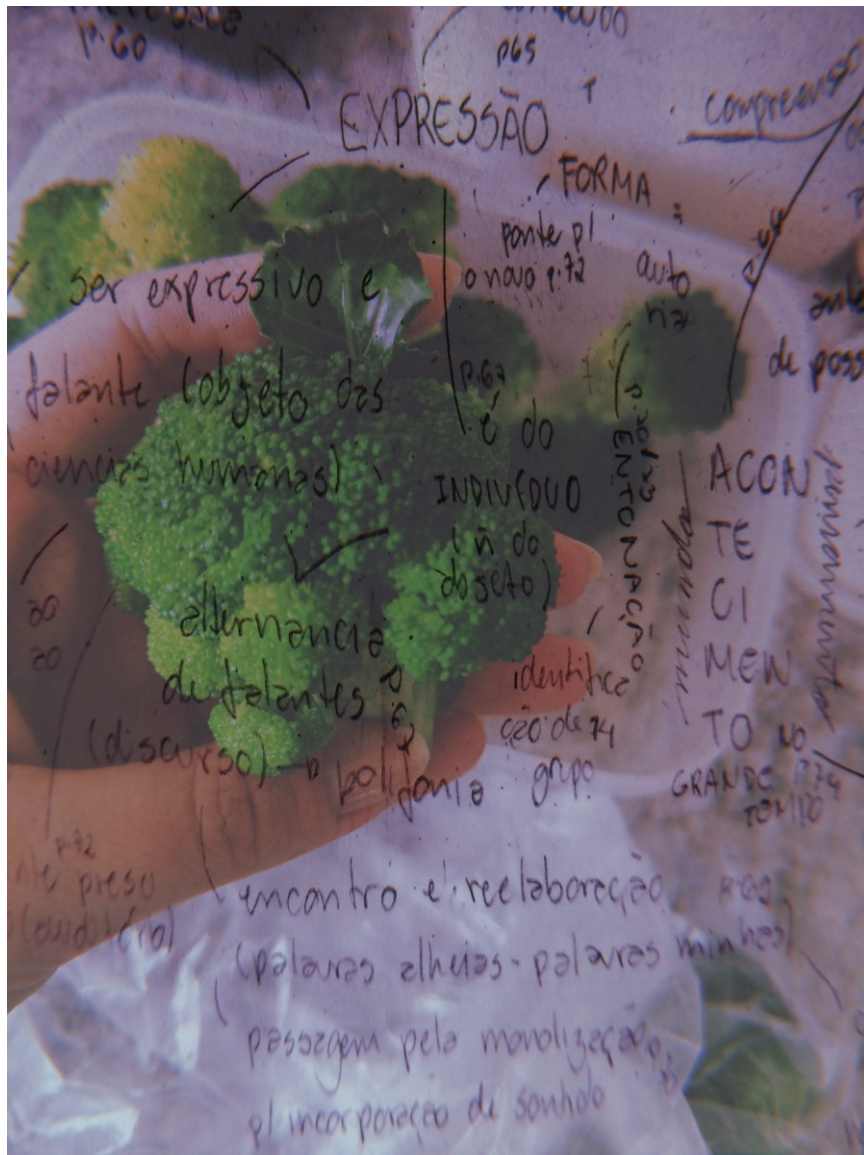
Mais uma vez, não são os genes e determinações fisiológicas, advindas da união entre gametas da mesma espécie, o que determina um parentesco entre um ou outro ser, fazer parentes representa, por si só, arranjos de todo tipo (HARAWAY, 2016). A movimentação entre teias de amor nascidas no comprometimento e responsabilidade com o que orbita ao nosso redor, no cuidar das coisas e de nós, compartilhamos histórias e vivências, fazemos permanecer viva nossas histórias no mundo, criamos abrigos possíveis de tornar menos tempestuoso o transitar à deriva no antropoceno.

Estando o discurso predominante na comunicação, em seu entendimento mais amplo, e fomentado através da interação discursiva, é inconsistente dissociar o exterior da consciência do contexto em que foi criado um enunciado e sua posterior compreensão uma vez que a interação discursiva ocorre em um contexto externo que é subentendido cotidianamente ao estar inserido, junto com a língua, nos estratos sócio-comunicacionais. Por isso o caráter ininterrupto e impermanente dessa comunicação fluida cuja compreensão é formulada em resposta a um enunciado não individual, de maneira ativa e indissociável perante a um ato responsivo, de responsabilidade, externalizado através do diálogo. Em um enunciado bakhtiniano não se faz distinção entre o produto do discurso e o ato de sua produção ao mesmo tempo que se considera os pormenores do contexto de sua criação.

Ou seja, é a partir do centro de realização do ato que a ação participativa onde “me realizo na minha ação-visão, ação-pensamento, ação-fazer prático” (BAKHTIN, 2020, p. 118) atua em determinado contexto, isso é, em um conjunto estável de valores abstratamente universais. As convergências desses planos avaliativos que assumem sentido no existir-evento singular, além de não imanente são responsáveis pela multiplicidade fronteira na construção de sentido e valor como momento constitutivo realizado em uma realidade efetivamente responsável (BAKHTIN, 2020).

Vejamos, portanto, como Volóchinov (2017) defende a interação discursiva de modo que a vivência seja organizada a partir de expressão da consciência individual “de dentro para fora” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 207) orientada socialmente, pois, “aquilo que é vivido e expresso muda de aspecto e é forçado a buscar um meio termo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 203), ao passo que a palavra seja o território comum entre o falante e o interlocutor, isto é, a realização de um signo determinada por uma situação social, interativa, dialógica, extratextual: “não é a vivência que organiza a expressão, mas ao contrário, a expressão organiza a vivência” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Assim, a compreensão nessa filosofia da língua, vista como uma derivação de um processo constitutivo no interior subjetivo do sujeito que participa do discurso, recebe um enunciado, o interpreta sob posicionamento consciente, e então, nesse ponto, desenvolve uma resposta a tal enunciado. É dessa forma que o ato responsivo, a responsabilidade, quando consciente, e individual, sugere conformidade com a compreensão do falante através da expressão, e isso se dá devido o pensamento ser a base da estrutura enunciativa, dialógica por



si só, logo, a consciência pode ser considerada uma força social, um fato objetivo resultado de um campo social.

Bakhtin (2017) em *Por uma metodologia das ciências humanas*, publicado originalmente em 1975, defende a construção cognoscente a partir daquilo que é excedente na relação eu-outro, aquilo que se manifesta de diferente no elo entre duas consciências e a memória, inclusive sociocultural da fronteira histórica, associada a elas. Por isso o conhecimento dialógico concreto é um acontecimento-pensamento no grande tempo que se dá através da compreensão e expressão em cadeia. Sendo compreensão entendida como a configuração dialógica da interpretação internamente compreendida no limite entre texto e contexto a partir de uma racionalização relativa do sentido vivo, inacabado no tempo entre movimentos retro e introspectivos, e expressão a materialização orientada pela totalidade, singularidade e responsabilidade do ato expressivo e falante do indivíduo, e está ligada, por sua

vez, ao conteúdo livre e inacabado da cadeia discursiva como uma ponte para o novo, para aquilo a ser reelaborado.

Está justamente na reelaboração a potência de novas criações, modos de vida outros, que nas fronteiras encontram solo fértil para exercer diferentes singularidades e autenticidades. Cada uma delas em comunicação com uma natureza que é viva, cósmica, em compromisso com o outro dentro de nossas próprias subjetividades, a procura por uma prática ética sem alibi, guiada na amorosidade, que ensina enquanto aprende e aprende enquanto ensina, que pesquisa enquanto vive e vive enquanto pesquisa. Com atenção à escuta de um chamado para dentro, uma atenção responsável a partir de provocações não intencionais de nossas paisagens justapostas.

A Pesquisa Narrativa, para Clandinin e Connelly (2001, p. 26) é uma forma de “entendimento da experiência”. Com esses autores a experiência é entendida como arcabouço da investigação narrativa marcada pela tridimensionalidade entre situação, continuidade e interação da história vivida (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 84). Situação é a paisagem de pesquisa, ou a noção de lugar onde a experiência ocorre, ocorreu ou ocorrerá. Essa temporalidade é o conceito da continuidade enquanto interação são fatores pessoais e sociais que a experiência apresenta. Ou seja, a narrativa da experiência a ser analisada nessa perspectiva metodológica é a paisagem educacional, onde estão inseridos seus sujeitos e pesquisadores e como se posicionam ao longo do tempo de formas diferentes, conecta o ensino-aprendizagem e influências das instituições através da história que ela conta (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 85).

Volóchinov (2019), integrante do círculo intelectual de Bakhtin, traz o contexto extra verbal/ extratextual formado também por três dimensões. Uma delas é visível: o horizonte espacial comum dos falantes, aquilo que é visível e que perpassa diretamente o enunciado (por exemplo, um cômodo, a cidade, um objeto, uma obra). As outras duas dimensões são subentendidas na dinâmica dialógica (responsiva-valorativa) dos discursos, presentes no cotidiano dos agentes que compõem esse enunciado, são elas, o conhecimento e compreensão do acontecimento sobre o qual se enuncia, e a avaliação comum da situação (VOLÓCHINOV, 2019, p. 119).

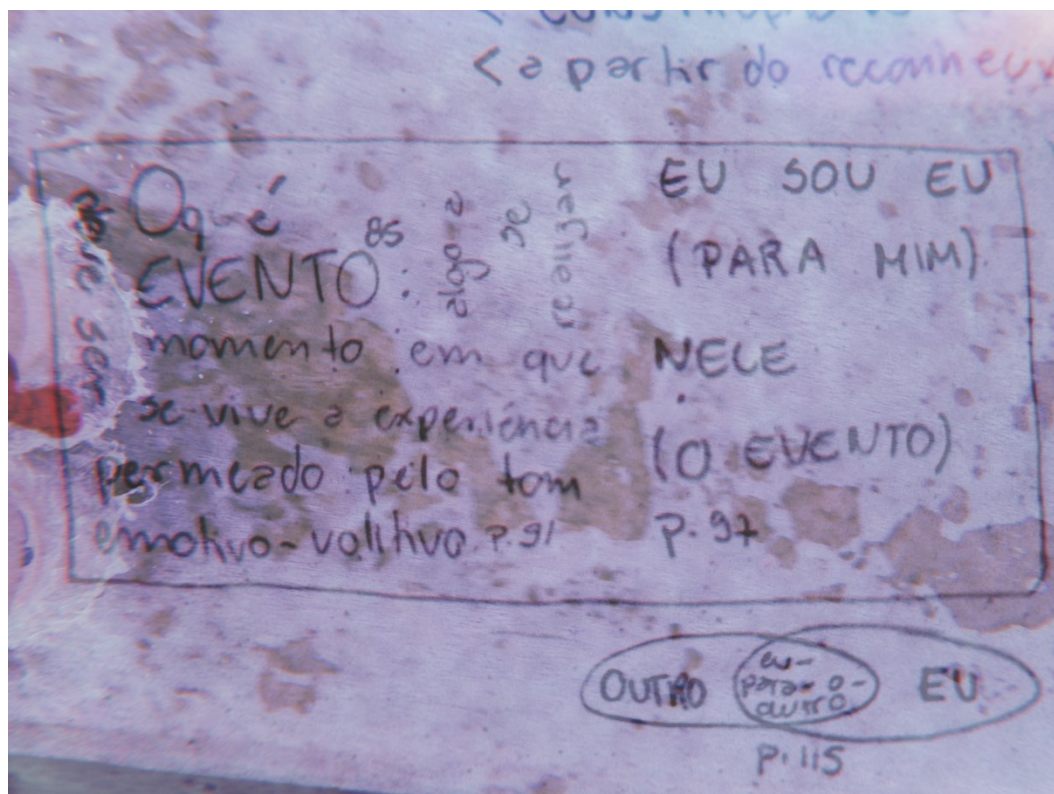
A avaliação social saudável permanece na vida e a partir de lá organiza a própria forma do enunciado e a sua entonação, mas de modo algum tende a encontrar uma expressão adequada no conteúdo da palavra. Assim que a avaliação passar dos aspectos formais para o conteúdo, é possível afirmar com

segurança que uma reavaliação está sendo preparada (VOLÓCHINOV, 2019, p. 122).

Aproximações frutíferas entre a metodologia narrativa de Clandinin e Connelly (2011) a partir de uma perspectiva bakhtiniana também perpassam Serodio e Prado (2015, 2017): a manifestação da pesquisa, e seu conhecimento produzido, se dá na interface do inesperado, ainda que buscado, mas com teor colateral a partir de uma interpretação apoiada na singularidade das relações dialógicas entre os sujeitos, o entorno e suas produções e favorecendo o percurso investigativo/interpretativo (SERODIO; PRADO, 2017, p. 3).

Pesquisar sobre uma experiência, é identificar as tensões e buscar respostas à pergunta de pesquisa -enquanto se vive o entremeio desse espaço tridimensional- que indiquem para esses quatro caminhos de experiências ao longo da investigação. É nessas fronteiras dialógicas que acontece a dobra do pensamento narrativo para o território cognoscente através de tensões vividas na experiência, no existir-evento:

Porém, tal existir evento não é algo pensado: tal existir *é*, ele se cumpre realmente e irremediavelmente através de mim e dos outros- e, certamente, também no ato de minha ação-conhecimento; ele é vivenciado, asseverado de modo emotivo-volitivo, e o conhecer não é senão um momento deste vivenciar-asseverar global. A singularidade única não pode ser pensada, mas somente vivida de modo participativo (BAKHTIN, 2020, p. 58- Grifo do autor)



Essa mudança de perspectiva subentendida, a partir da recepção de determinado enunciado, se dá através da mudança da entonação, aquilo que, aliado a unidade da palavra, forma um enunciado, “como se a entonação viva levasse a palavra para fora dos limites verbais” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 123), a remodelasse, e a enunciasse em resposta. Ou seja, existe um direcionamento da entonação, que, a partir das avaliações subentendidas de um discurso, em sua entonação específica, estabelece uma relação viva com o objeto e o ouvinte em uma expectativa de resposta presumida, sendo assim, a entonação e gestos que a acompanham e integra o todo enunciativo, são ativos, objetivos e organizados pelo entendimento social (VOLÓCHINOV, 2019 p. 124-127).

Entendendo, assim, e pensando ainda com Volóchinov (2019, p.131), que a partir do contexto extraverbal não visível, aquilo que, na enunciação consciente e ideológica (de caráter criativo) é “não dito”, funciona como um condensado de avaliações sociais organizadas em uma resposta, uma expressão imediata materializada em palavra, para além de sua estrutura verbal:

A questão é que qualquer ato de consciência mais ou menos preciso não ocorre sem o discurso interior, sem as palavras, e sem a entonação (avaliação) e, conseqüentemente, já é um ato social, ou seja, um ato de comunicação [...]. Nessa relação, a consciência, uma vez que não abstraímos do seu conteúdo, já não é somente um fenômeno psicológico, mas acima de tudo ideológico, ou seja, um produto da comunicação social (VOLÓCHINOV, 2019, p. 143)

É nesse sentido que o cibernético e sua cultura associada é de oportuno reconhecimento. Inicialmente ‘ciberespaço’ é apontado como um ambiente caracterizado pela conexão aberta, interativa, fluída e hipertextual⁶, que busca associar e interfacear dispositivos eletrônicos de comunicação e criação de informação, sendo, portanto, a ‘cibercultura’ o cenário social e técnico alterado a partir do uso do ciberespaço sob influências de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (LEVY, 1999, p. 93). Duas décadas depois, Edmea Santos (2019, p. 30 e 31) atualiza conceitos de cibercultura e ciberespaço, de forma que sejam constituídos a partir da ubiquidade e mobilidade em contato com o uso desse espaço por agentes sociais, por sua vez, mediados pelas tecnologias e interfaces digitais⁷.

⁶ Hipertexto obedece ao sentido de mensagem móvel, em rede, configurável e fluída, podendo, e aqui aplicado, ser expandido para outros signos comunicacionais (LEVY, 1999, p. 24).

⁷ Esse parágrafo e os 3 que o seguem também compõem parcialmente o artigo “*YouTube* e gêneros hipermediáticos: aspectos bakhtinianos na enunciação de ciências biológicas voltada para ensino superior no Youtube” submetido para a Revista Docência e Cibercultura em 31/05/2022. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/67678>

O conceito de mobilidade ubíqua se caracteriza para além da mobilidade literal de agentes (portadores de) de tecnologias digitais -como smartphones ou carros autônomos-, pois são transpostas na interação e imersão desse sujeito para com o viver em sociedade e seus saberes. A cibercultura da mobilidade ubíqua abrange a presença do virtual, não só em padrões de consumo, acesso à informação, atividades pedagógicas, ou outras interações pessoais, como, também, nas relações desse coletivo com o ambiente físico, geográfico, urbano e natural em que se habita. Questão de contexto.

Novas tecnologias de conexão móvel têm permitido cada vez mais a mobilidade ubíqua e, com isso, a instituição de novas práticas culturais na cibercultura. O uso de tecnologias e interfaces digitais potencializam o diálogo, múltipla autoria e compartilhamento de sentidos em diferentes linguagens e mídias. Essa multiplicidade de práticas socioculturais, quanto processo cultural, de formação de cidadania condicional e intencional, concerne à formação do indivíduo no geral e à interação com seus pares em sociedade cibercultural e multiletrada.

Por sua vez, a demanda de uma sociedade conectada incentiva o desenvolvimento de novas tecnologias da mesma forma que novas tecnologias possibilitam sociabilidades modernas, havendo, então, uma relação direta entre infraestrutura tecnológica e a cibercultura (SANTOS, 2006, p. 124). E, as mudanças na relação entre os agentes autor e receptor da informação científica potencializou, e potencializa, a troca de dados e discussões a respeito de temas e interesses comuns, o que possibilita maior socializações de pessoas e conteúdo (LORDÊLO; PORTO, 2011, p. 318).

Clandinin e Connelly (2011) pensam, a experiência como pessoal e social, dotada de indivíduos e suas interações com seu entorno vivendo e se afetando continuamente no tempo, uma experiência conseqüente de outra. Dessa forma se transforma esse conceito em um conceito de pesquisa e, assim, "nos dá um termo que permite um melhor entendimento da vida no campo da Educação" (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 30). Nesse cenário, narrativas contam essas histórias no transitar do pesquisador para trás e para frente, pensando sobre passado, presente e futuro e entre o pessoal e o social.



O outro está em posição central e atua entre limites do diálogo dos sujeitos do discurso (falante e ouvinte), ou seja, o discurso só é possível, viável, só existe no processo enunciativo delimitado, por sua vez, pela alternância de seus sujeitos pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” BAKHTIN (2016, p. 26). Sujeitos

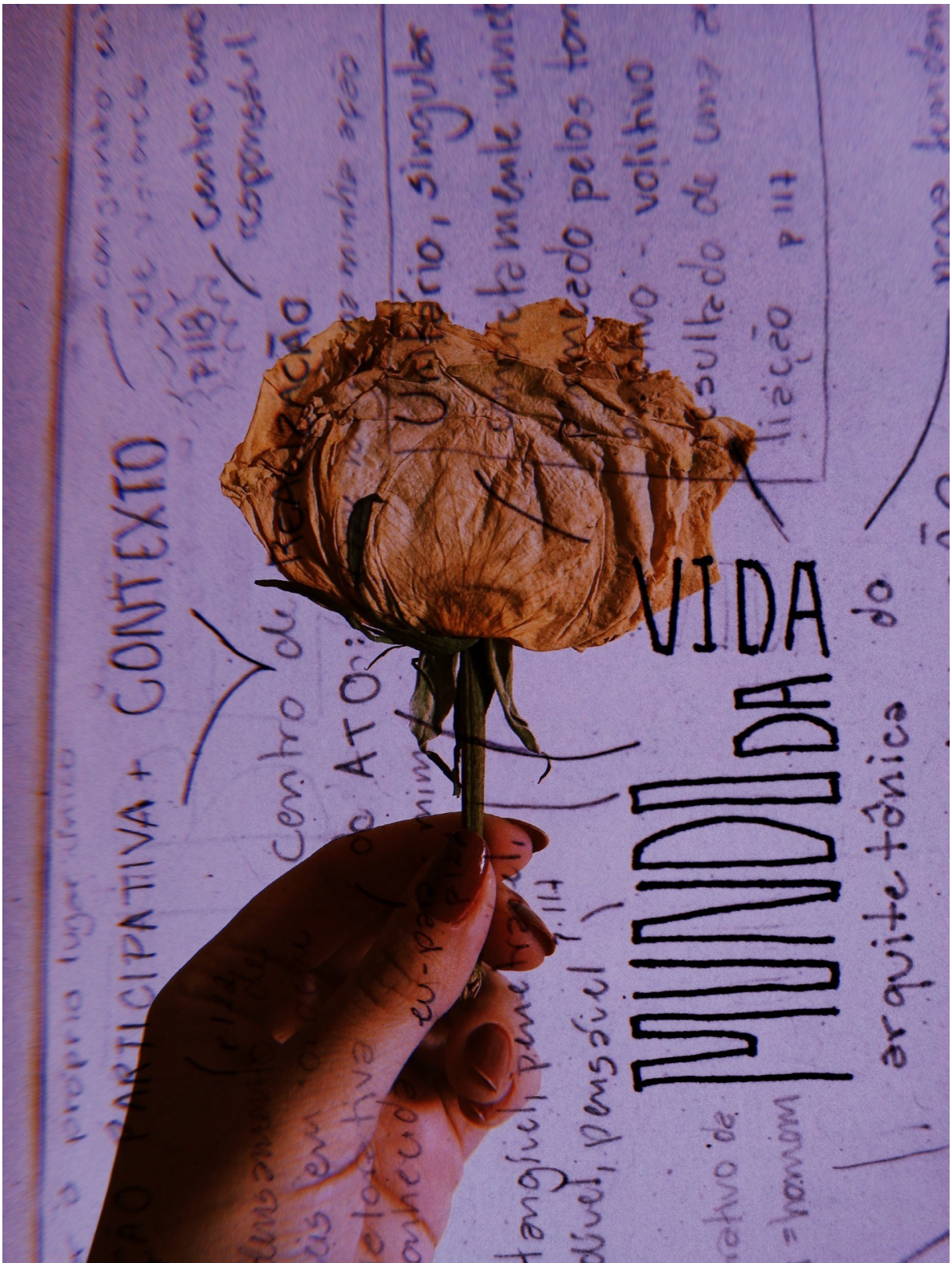
esses que agem em zonas fronteiriças ao longo do acontecimento inacabável também causam alternância de sentido com a produção de enunciados (auto)conscientemente desenvolvidos na totalidade da palavra expressada em resposta à palavra do outro (BAKHTIN, 2017, p. 29-31).

Logo, uma produção complexa como de uma obra científica ou ficcional, é formada por esferas de comunicação internas e externas delimitadas pela alternância de sujeitos do discurso uma vez que o autor/artista/produtor revela sua individualidade e autenticidade na produção a partir de suas experiências e referências, alinhamento filosófico, entre outras (esfera interna), ao mesmo tempo que ao publicá-lo, submetê-lo ao público (esfera externa) determina atitudes responsivas, nesse ponto, “a obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 34). Além disso, a consolidação da expressão de determinada obra no ser (sujeito) e seu entorno ocorre a partir de elementos já plenos em sentidos, daí a expressão da repetitividade (BAKHTIN, 2017, p. 15).

Então, a pesquisa narrativa seria um método que se baseia no estudo de um tema em diálogo com as memórias e a materialidade (con)textualizadas na intenção de esforço investigativo na implicação e na escrita como produtora, criadora da materialidade expressiva do pensamento para um fim que é o acabamento estético desse esforço (SERODIO; PRADO, 2017, p. 13).

A partir da centralidade do sujeito no campo discursivo, destacamos a totalidade do ato e a desassociação da produção/criação, em direção a um fazer (dotado de momento e contexto) histórico, social, singular e irrepitível, pois, “cada uma de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida inteira como agir ininterrupto” (BAKHTIN, 2020, p. 45). É o pensamento como ato responsável possível de abstrair um momento de seu conteúdo e sentido, buscando um pensamento como avaliação, contido de validade na vivência como um ato.

A compreensão dos elementos repetíveis e não repetíveis do todo. Inteiração e encontro com o novo, o desconhecido. Esses dois momentos (a inteiração do repetível e a descoberta do novo) devem estar fundidos indissolúvelmente no ato vivo da compreensão [...]. Todo repetível e reconhecido se dissolve completamente e é assimilado pela consciência de um intérprete: na consciência do outro ele é capaz de ver e interpretar apenas a sua própria consciência (BAKHTIN, 2017, p. 37).

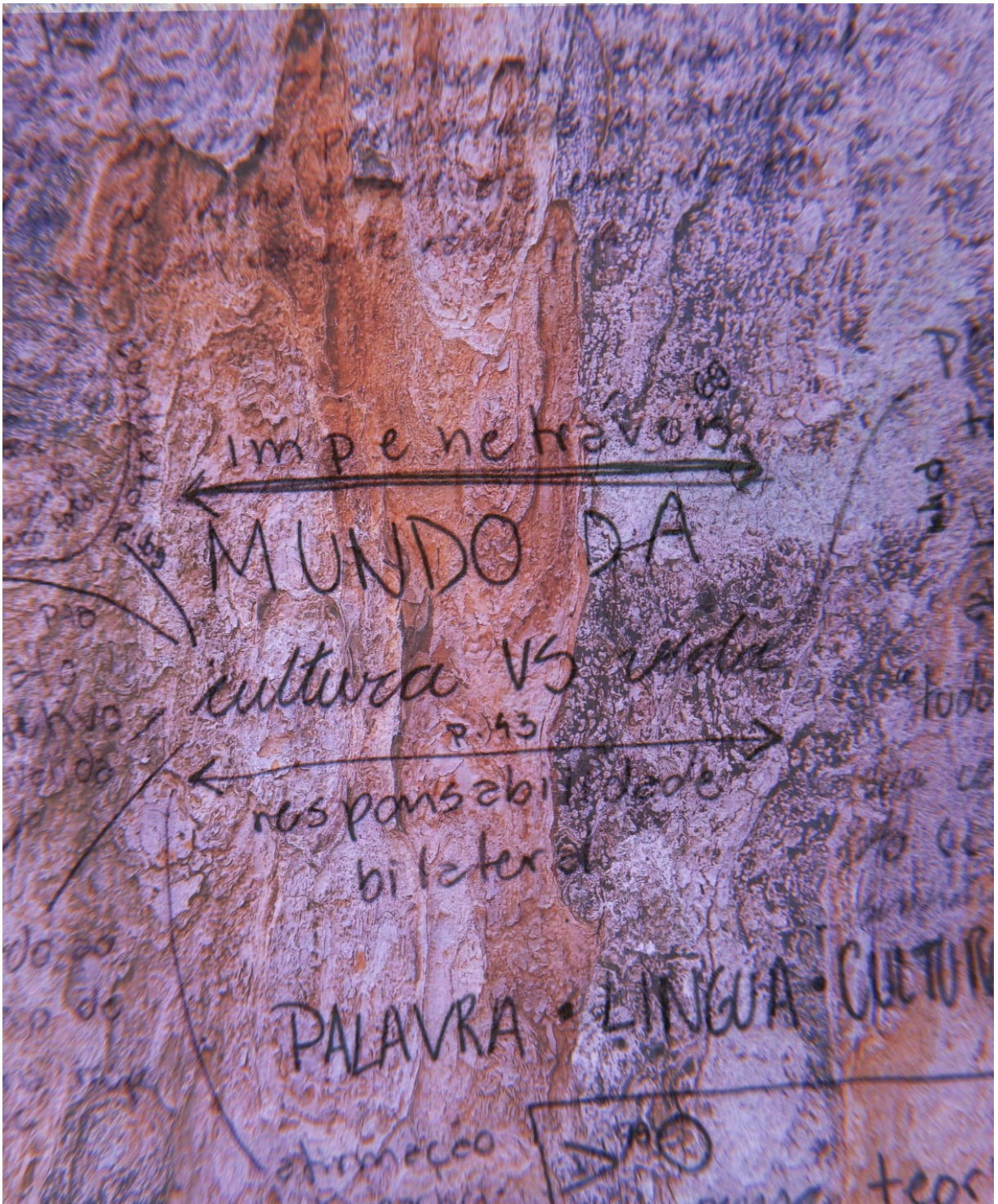


Em tempo, são relevantes apontamentos acerca da arquiteônica do mundo da vida onde nasce aquilo que é tangível, penetrável e pensável a partir de tal centro de realização do ato “unitário e singular concretamente vivido” (BAKHTIN, 2020, p. 117) permeado pelos tons emotivo-volitivo resultado de uma avaliação. Segundo ele, é no mundo da vida que atua o

centro valorativo da visão estética correlacionado aos componentes do existir-evento e ao encontro do eu-para-mim com o outro de forma arquitetônica -não sistematizada-, como um plano por se realizar na orientação do sujeito ao longo do existir-evento, a se realizar um próprio lugar único.

O retorno em si mesmo, no contexto do ato singular, é o movimento fecundo da criação, abrindo espaço para o lugar do outro, de modo responsivo e descentralizado e atuando bilateralmente na fronteira impenetrável do mundo da vida e do mundo da cultura, cuja aproximação só é possível a partir da afirmação e reconhecimento do autor quanto participação única na humanidade em resposta ética àquilo que se desperta de maneira emotivo-volitivo (BAKHTIN, 2020). Esse tom emotivo-volitivo é a “orientação imperativa da consciência, orientação moralmente válida e responsavelmente ativa” (BAKHTIN, 2020, p. 91) e está relacionado, também, à vontade que orienta o ato criativo integrado ao ato único de uma autoria responsável e consciente na formulação de avaliações cujo autor pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente.

Os valores culturais são valores em si mesmos, e uma consciência viva precisa adaptar-se a eles, afirmá-los para si mesmo, porque, em última instância, a criação <?> é conhecimento. Enquanto eu crio esteticamente, reconheço responsavelmente com isso o valor do que é estético, e a única coisa que preciso fazer é reconhecê-lo explicitamente, realmente (BAKHTIN, 2020, p. 89).



Enquanto o mundo da vida nega fundamentos analíticos e orienta valores realmente vividos, de origem concreta no tempo e espaço formando afirmações, ações participantes e objetos reais relacionados entre si por eventos concretos; o mundo da cultura entrelaça o sentido e o conteúdo a partir da interação entre criação e avaliação em uma realização verdadeira situada além das fronteiras de cada consciência viva, as quais encontram valores culturais como já dados e assumidos, associados ao existir-evento na condição polifônica e passível de

reelaboração (BAKHTIN, 2020, p. 143) e por isso aberta e impermanente (BAKHTIN, 2017, p. 23).

Essa reelaboração, se dá através da oposição valorativa ativa e imperativa que determina a arquitetônica do criado e do dado no contexto do mundo da vida, que em contato com a visão estética orientada pela amorosidade, de tom emotivo-volitivo, sustenta a diversidade pois “somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade” (BAKHTIN, 2020, p. 129):

Esta arquitetônica do mundo em eu e todos aqueles que para mim são outros não é passiva e casual, mas ativa e imperativa. Esta arquitetônica é tanto algo dado, como algo a-ser-realizado, porque é a arquitetônica de um evento. Essa não é dada como arquitetônica pronta e consolidada, na qual eu serei colocado passivamente, mas é o plano ainda-por-se-realizar, da minha orientação no existir-evento, uma arquitetônica incessante e ativamente realizada por meu ato responsável, edificada por meu ato e que encontra uma estabilidade do meu ato (BAKHTIN, 2020, p. 143).

Para a pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011) um evento que aconteceu também não se encerra no momento em que acabou, mas é uma expressão de algo contínuo ao passo que aparece para nós no presente e suas implicações do futuro. O percurso educacional, pessoal, de vida de uma pessoa define a mudança do ‘o que era’ para ‘o que é’ e ‘o que será’. Por isso a teoria na pesquisa narrativa não acontece a priori como em pesquisas formalistas, mas se mostra presente ao longo de todo o percurso investigativo e de escrita em forma de tensões de natureza teórica "na tentativa de criar uma ligação contínua entre a teoria e a prática" (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 75). Logo, o indivíduo é central na pesquisa narrativa para além de participante de uma cultura e sociedade, termos formalistas como tais, é a corporificação de histórias e filosofias de vida.

O pesquisador narrativo, que pensa narrativamente nas fronteiras formalistas e reducionistas, e que reconstrói retrospecto e prospectivamente suas próprias experiências se tornando "autobiograficamente conscientes da nossa reação em relação ao próprio trabalho" (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 80) são capazes de identificar as tensões e desenvolver o pensamento narrativo nas fronteiras intelectuais de outros modos de pensar ao buscar estabelecer termos de pesquisas que definem e delimitam as investigações balizando os fenômenos e evidências para textos de pesquisa defensáveis. As tensões induzem as produções dos textos de campo no presente, como um artifício de análise para redução de história a um conjunto de compreensões, e a movimentação tetra-direcional no campo de pesquisa orienta a

transição das fases da pesquisa. Do campo, para textos de campo. De textos de campo para textos de pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 95 e 96).

Para pensar textos de campo é preciso retornar tanto às tensões formativas na paisagem de pesquisa, quanto ao arcabouço tridimensional onde o pesquisador está inserido, e se movimentando nele produz os textos de campo autênticos conforme a demanda e a presença da pesquisa nos pormenores da experiência. Esse processo de pesquisa vem seguido de um retorno, uma revisita de autoria a esses textos, para que, já distanciado do campo, possa haver o entendimento e análise.

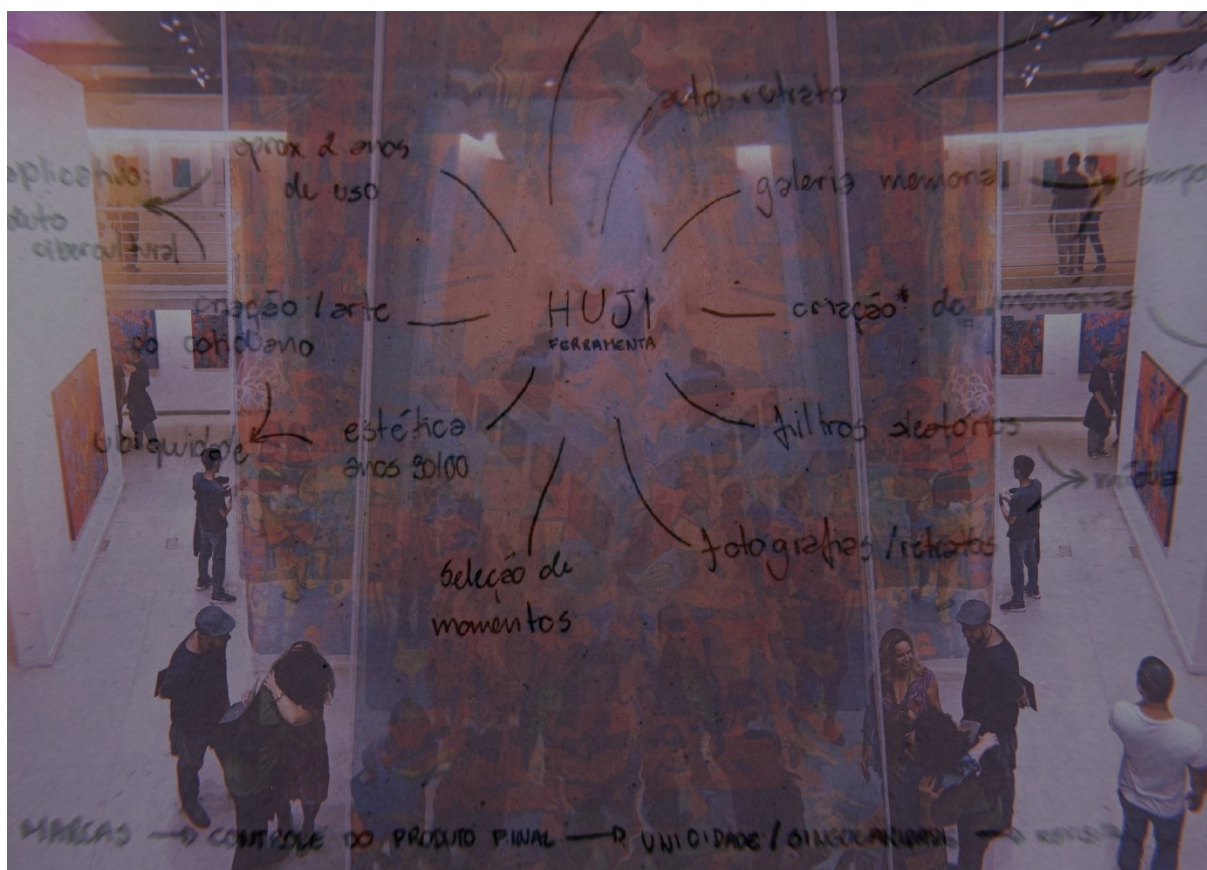
Valores e lembranças são disparados por esses textos de campo ao compor o texto de pesquisa. Sempre em movimento, de dentro para fora, de fora para dentro, para trás e para frente no tempo e no espaço da experiência vivida. Os textos de campo são como âncoras do acontecimento feito escorregadores:

Mas, assim que os pesquisadores estão atenciosamente, dia a dia, construindo textos de campo, são capazes de “escorregar para dentro e para fora” da experiência que está sendo estudada, e de escorregar para dentro e para fora da relação de intimidade com os participantes. Estar no campo permite intimidade. A composição e a leitura dos textos de campo possibilitam o escorregar para fora da intimidade, por algum momento. Este movimento de ir e vir; entre o apaixonar-se e a observação fria é possível através dos textos de campo (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 122).

Alguns processos se transpassam ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Posto o movimento de investigação narrativa em comunicação com o contexto prático e social onde se posiciona o pesquisador, “é igualmente importante posicionar os textos de campo nesse espaço” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 161), ao considerarmos que o processo de interpretação e seletividade tensionam os textos de campo como “reconstruções contextuais dos eventos” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 161) que comporão o sentido da experiência no texto de pesquisa.

Sob uma perspectiva de Bakhtin (2017) a construção de sentido, de noção semântica (significado), está relacionada não só ao encontro e reelaboração polifônica na alternância discursiva, mas também à criação de novos sentidos a partir de uma apreensão visual que avance o entendimento quanto representação midiática da totalidade mundial, de modo que, “a apreensão como descoberta da presença por meio da percepção visual (contemplanção) e da adição por elaboração criadora” (BAKHTIN, 2017, p. 64) seja aproximação do sentido e do significado à determinado conceito com auxílio de sentidos outros em um contexto dialógico.

Somada a esse teor criador, mais uma vez com Clandinin e Connelly (2011, p. 119 e 120), os textos de campo destinam-se à compreensão da composição daquilo que é sentido, isto é, vivido, e posteriormente materializado, a partir de um processo interpretativo e seletivo, que, dentro do contexto de pesquisa narrativa, assume a fluidez de uma arqueologia da memória e do significado, podendo ser compostos de múltiplas possibilidades imaginativas obedecendo a dualidade na qual o pesquisador que vivencia a experiência analiticamente, ao mesmo tempo que a compõe de maneira central.



Para essa narrativa dissertativa, foram sendo construídos ao longo do percurso do mestrado acadêmico, anotações, textos, desenhos, pequenos poemas em cadernetas de campo; o encontro sensível e significativo com algumas mídias visuais em redes sociais, músicas, e, principalmente, mapas mentais livres. E também fotografias tiradas a partir de um aplicativo de smartphone chamado *Huji*⁸ com o qual se faz capturas de momentos que marcam e afetam: galeria antológica formando memórias e revisitas.

A escolha para esse formato de organização de pensamento, apesar de espontânea e não necessariamente planejada, tanto em sua feitura, quanto seleção e interpretação, está relacionada com o encantamento para com o fenômeno da comunicação, e a unidade da palavra,

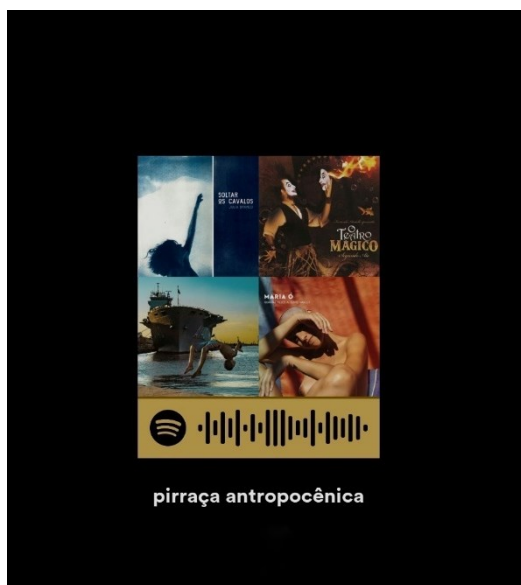
⁸ Disponível para download gratuito na loja de smartphones iOS e Android.

provocada pela filosofia linguística de Mikhail Bakhtin e seu círculo quanto a unidade da palavra, e suas conexões lógicas, singulares, materializadas em uma criação, uma figura feita com papel e grafite.

É nesse cenário que posicionamos os textos de campos e aqui os apresentamos como imagens autorais manipuladas em computador, com sobreposição e transparência de camadas, sendo a camada de fundo imagens retiradas da galeria do *Huji* e a camada sobreposta fotografias, também feitas pelo aplicativo, de recortes e fragmentos dos mapas mentais e outros escritos presentes nos cadernos de campo.

Destacamos a centralidade, não intencional, mas relevante de tal ferramenta tecnológica. *Huji* é um aplicativo de fotografias com estética da virada do milênio com aproximadamente dois anos de uso intencional para capturar eventos da existência, como janelas ancorando criação e manutenção de memórias, uma galeria memorial, um espaço de reencontro, de marcas, de cura/maturação. De reafirmação autoral e criativa.

As fotografias resultantes desse aplicativo não são mostradas ao usuário assim que são tiradas, ao contrário, aparece na tela, após a interação em um “botão analógico”, a imagem de um rolo de filme. O resultado final é sempre desconhecido pois, além de ser necessário abrir a galeria do aplicativo (que não é sincronizada automaticamente com a do aparelho), a aplicação de filtros e efeitos de iluminação aleatórios oferece singularidade nas imagens. Nesse sentido a falta de controle acerca do produto final pode ser entendida como uma contracorrente no uso de filtros nas redes sociais, uma vez que, apesar de alterar a aparência e a iluminação da fotografia aleatoriamente a depender da lente de cada aparelho, esse aplicativo não oferece alteração corporal e nem personalização.



Essa imagem pode ser scaneada na sessão de busca do aplicativo Spotify.

*Sem horas e sem dores
 Respeitável público pagão
 Bem-vindos ao Teatro Mágico
 Parto-me
 Parto-me
 A poesia prevalece
 A poesia prevalece
 O primeiro senso é a fuga
 Bom, na verdade é o medo
 Daí então, a fuga
 Evoca-se na sombra uma inquietude
 Uma alteridade disfarçada
 Inquilina de todos os nossos riscos
 A juventude plena e sem planos se esvai
 O parto ocorre
 Parto-me. Parto-me. Parto-me. Parto-me
 Aborto certas convicções
 Abordo demônios e manias
 Flagelo-me
 Exponho cicatrizes
 E acordo os meus, com muito mais cuidado
 Muito mais atenção!
 E a tensão que parecia nunca não passar
 O ser vil que passou para servir
 Pra discernir, harmonizar o tom
 Movimento. Som
 Toda terra que devo doar
 Todo voto que devo parir
 Não dever ao devir
 Nunca deixar de ouvir
 Com outros olhos!
 Com outros olhos!
 Com outros olhos!
 Amadurecência (O Teatro Mágico)*

Ao experienciar uma pesquisa sensível, nos deparamos com cores e sons que auxiliam, tangenciam e tensionam enunciados em movimento, produções as quais ao mesmo tempo que foram criadas, enunciadas, em determinado tempo e lugar, se fazem pulsante em novos contextos. Palavras e entonações outras. Na procura de trazer à cena e ao contexto de escrita atravessamentos pela música e sua presença criativa como textos de campo, em conjunto com imagens, auxiliando a deriva em tal arcabouço de pesquisa.

Durante a investigação de quais vislumbres uma pesquisa sobre comunicação, educação e mídias pode trazer a partir de narrativas da vida no antropoceno, a playlist *pirraça*

⁹ O conteúdo desse capítulo compõe o ensaio: ALVES, Maria; CARVALHO, Daniela. Movimento-som: construção de sentido no existir evento. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação** [online], Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/movimento-som/>

*antropocênica*¹⁰ foi criada e alimentada com músicas que reverberam comunicações dialógicas, uma curadoria de enunciados que movimentam a palavra do outro, em nós, a partir de uma produção sociológica outra, denunciando ideologias ao mesmo tempo que oferecem uma certa *sedução vegetal*¹¹, fermentam respostas, dobras. Nesse espaço cibernético, som ambiente do experimentar da ubiquidade antropocênica, perpassamos nossas vivências por uma perspectiva do entrelaçar entre a dureza do antropoceno, a delicadeza da criação, e as provocações da formação cultural, lutas e recusas.

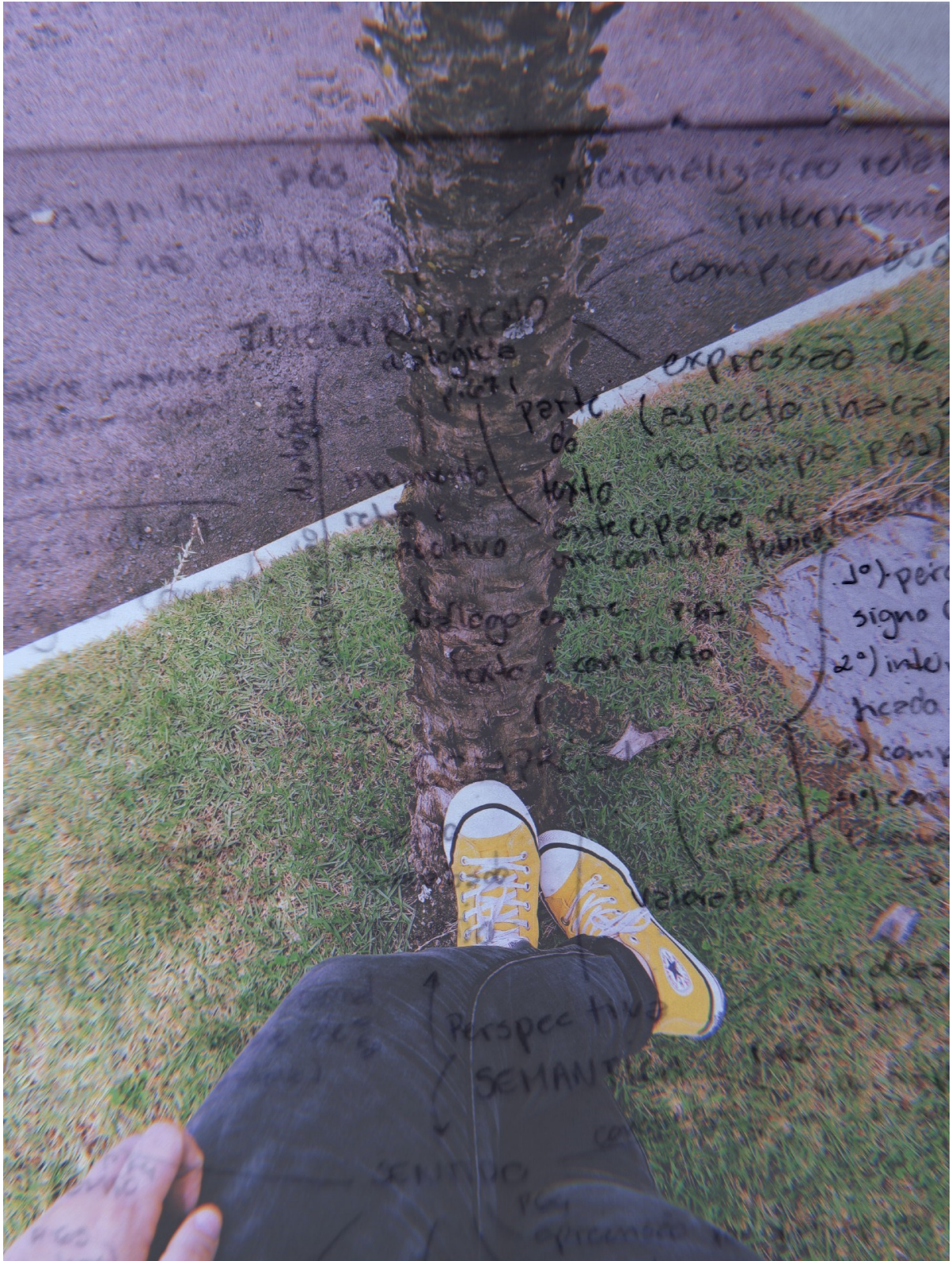
Esse capítulo pretende apresentar tensionamentos, disparadores de termos de pesquisa a partir de narrativas musicais, e seus agentes comunicacionais, em diálogo com conceitos bakhtinianos que, ao posicionarem a palavra do outro, a polifonia desse texto de pesquisa, impulsionam e fundamentam a produção. Abordando produtos da cultura imaterial em perspectivas costuradas entre imagens, álbuns, letras e conceitos que balizam a construção do enunciado, seu caráter confessional e axiológico, buscamos posicionar a autoria dessa criação dissertativa, científica, promotora cognoscente.

Para tanto, esta escrita experimental, ensaística e fragmentada entre teoria e contextos parte dos entendimentos teóricos de um enunciado bakhtiniano que não faz distinção entre produto e o ato de sua criação ao passo que se assume seu contexto em movimento de reposta e reelaboração, no qual se faz crucial um posicionamento mais explícito do cenário, e das palavras e enunciados que os compõe. Assim ocorre também, inevitavelmente, com esse texto, essa dissertação, que afirma uma participação única na humanidade em comunicação com um mundo todo infinito e inteiro e sua avaliação social uma vez que “toda expressão possui uma orientação social” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 257).

A relação entre vivência e expressão foi desenvolvida com Bakhtin (2017) no capítulo anterior em torno, principalmente, da reavaliação, inteiração e criação de algo novo a partir da alternância de sentido ao longo da relação dialógica entre a palavra do outro e a vida como vivida de um sujeito falante e expressivo, que age em zonas fronteiriças participando de discursos, cujo elos comunicacionais que os formam, nunca sejam isolados, de modo que os enunciados da cadeia de sentidos formada estejam relacionados com o falante e o ouvinte, isso é, o autor e o leitor.

¹⁰De Maria Alves (autora) na plataforma de streaming de música Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/7qECgS2TCTmNb400Acgk0?si=507b9420cefa4327>

¹¹Sedução Vegetal pelo interprete Matheus Solto. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/31QqEJdMXREfM9LiiiXjzO?si=7333ed9535ab47ab>



Trajatórias foram construídas em conjunto, compondo a situação extraverbal mais próxima desse enunciado científico, pois, uma vez que “a comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219), *exponho cicatrizes e acordo os meus com muito mais cuidado, muito mais*

*atenção*¹² em resposta àqueles enunciados da “coletividade social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219), feito liquidificador axiológico que fomenta outramentos, entendimentos novos, próprios, particulares.

*Mútua
A vontade é mútua
A esperança bruta
Reciprocidade múltipla
Dos diferentes pontos de vista
Muita
A intensidade é muita
Que essa distância encurta
Permeabilidade ampla
À disposição da vida*¹³

Os aspectos comunicacionais desse contexto de pesquisa, desse “momento na comunicação discursiva ininterrupta” que “condiciona as diferentes significações que as situações adquirem em movimentos separados” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219), estão permeados por uma distância discursiva, pela palavra do outro ao longo da brevidade da vida, na fluidez dos encontros de narrativas da vida em deriva naquilo que é sensível, que é possível nos rastros da amorosidade, na expressão emotivo-volitiva. Em concordância com o processo ininterrupto entre a vivência e a criação não se pode estabelecer limites entre momentos isolados desse processo criativo, que carrega detalhamento e ampliação da estrutura social do falante, e seu ato em si pois “a vivência interior desde o início era uma expressão exterior” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 264).

Nesse sentido a dimensão da comunicação em recorte com a ciência, cujas narrativas científicas e midiáticas se entrelaçam na investigação da experiência tridimensional de uma vida que é *uma coisa gostosa, cheia de histórias, uma coisa bonita, cheia de dobras, cheia de sonhos, cheia de força, cheia de tudo, cheia de dúvida, cheia de brilho, cheia de aspas*¹⁴ ressoa interações que *não garantem mas sustentam diversificação*¹⁵, na continuidade de germinar possíveis a partir da interação, da dispersão de enunciados, de avaliações, de criações.

Provocações essas nos orientam, nas tais tensões fronteiriças do pesquisar narrativo, no fazer da experiência, no experienciar cotidiano à nossa própria maneira, por vezes exteriorizada, por vezes introspectiva, por vezes em revisita ao passado, por vezes em projeção para o futuro,

¹² Amadurecência (O Teatro Mágico)

¹³ Impermanência (Maria Ó)

¹⁴ Trecho presente na música Cheia de Dobras (Julia Branco e Mariana Volker)

¹⁵ Sedução Vegetal (Karine Faleiros e Marina Gavalvão). Presente na playlist na voz de Mateus Solto.

por vezes em autoridade, por vezes sem auditório algum, mas em busca de um viver dialógico, em diálogo com aquilo que é dado, com a palavra do outro, com criações outras que nos perpassam. Em deriva com a teoria vivemos, interagimos, respondemos, criamos.

Valentin Volóchinov (2019) no livro *a palavra na vida e a palavra na poesia* se dedica, em analisar filologicamente por menores da criação linguística e da estilística a partir de uma visão sociológica, defendendo aspectos mais teóricos acerca da relação da vivência da expressão e do discurso interior e seus desdobramentos na tomada de consciência e condições concretas do enunciado em conformidade com a vivência e as esferas exteriores.

Desse terreno (extraliterário) comum entre autor e leitor e do cruzamento entre discursos interiores, que se chocam no conjunto de vivências cotidianas, se dá a origem dos sistemas avaliativos, conforme o capítulo anterior, que fomentaram por sua vez, a partir do caráter criativo, produtos ideológicos próximos entendidos como ideologia do cotidiano de forma que as condições concretas do enunciador ocorra através da entonação e da orientação social do falante. Na passagem da vivência para a expressão- para a criação-, ganha força a orientação já presente no discurso interior, que ao se deparar com o produto ideológico sob uma orientação ética e responsável, participativa, toma o distanciamento necessário para expressão com domínio técnico e formal. As esferas externas do primeiro capítulo.

Convenhamos chamar todo o conjunto das vivências cotidianas- que refratam e refletem a existência social- e das expressões exteriores ligadas diretamente a elas de *ideologia do cotidiano*. A ideologia do cotidiano atribui sentido a cada um dos nossos atos, ações e estados “conscientes”. Do oceano inconstante e mutável da ideologia do cotidiano surgem gradativamente numerosas ilhas e continentes de sistemas ideológicos: de ciência, arte, filosofia, opiniões políticas (VOLÓVHINOV, 2019, p. 260- grifo do autor).

Logo, aquilo que se manifesta no campo artístico se dá na essência do acontecimento da vida, do cotidiano: uma comunicação artística entre criador e contemplador, uma interação social fixada de forma única e própria na materialidade e forma física (VOLÓCHINOV, 2019, p. 116). O enunciado na vida é dotado de potencialidades criativas, ideologicamente criativas, germes que tomaram forma material e de conteúdo, cujo sentido e significado não podem ser reduzidos à sua composição verbal (VOLÓCHINOV, 2019, p. 129):

Antes de mais nada, ele [o enunciado] é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado, tanto os imediatos quanto os distantes, e em relação a uma situação determinada: isto é, a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

Nesse acontecimento o posicionamento avaliativo do autor, seu todo social e seu ouvinte presumido ocorre no decorrer da sua vida pois o uso das palavras é multilateral: o discurso interior e o discurso exterior (ambos em ressonância com seu todo social, em inacabamento) estão relacionados com a unidade da palavra e sua entonação em um discurso verbal, como já apontado.

Esse discurso exterior não pode ser assimilado se em contradição com o discurso interno, está ligado ao irrepetível do enunciado e também com a concretude relacional entre sujeito e a promoção da cultura aberta (impermanente), que é, por sua vez, o meio qual o autor pensa e toma consciência de si (VOLÓCHINOV, 2019, p. 142).

É na *experiência que só se faz esse mês*¹⁶ que se ressoa uma ciência coletiva. Um abacateiro que *ensinando a viver* oferece frutos maduros, a *certeza do fim* e o *sim a tudo que for incerto*¹⁷ a partir de um recorte sociológico, uma visão preferencial de mundo, a cidade, a paisagem, a força e a dureza de uma *vida real dessa filosofia*¹⁸ que nos apresenta um universo onírico, de sonhos em corrosão com modos de vidas resistentes, inovadores, mais naturais, intuitivos... existências possíveis em suas feralidades adaptativas podem provocar pensamentos livres, sem tábuas-mandamentos de formatação, pensamentos esses que nos permita viver mais daquilo que se deseja preservar, mais de um saber empírico de sobrevivência em um antropoceno-tesoura, ao passo que se estabelece outros espaços que evocam uma historicidade ainda viva, fermenta a vivência com farinha e cachaça, e toma forma da navegação e deriva que demanda ouvir... olhar nos olhos¹⁹.

Volóchinov (2017) destaca que nesse discurso verbal, cotidiano, o centro organizador de qualquer expressão é o meio social que baliza o conjunto de condições dessa coletividade falante, uma vez que, apesar da interpretação que ocorre nos limites do texto e do contexto ser internamente direcionado, sua compreensão está atribuída a atribuições mais complexas e sensíveis do contexto dialógico (BAKHTIN, 2017, p. 66) pois “o discurso interior vivifica e nutre com sua seiva o discurso exterior percebido e criado, mas ao mesmo tempo é determinado por ele” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 262).

¹⁶ Ciência Nordestina (Cabruêra)

¹⁷ Abacateiro Real (Chico Chico)

¹⁸ Fio de Pumo (Padê Onã) de Criolo.

¹⁹ Parte desse parágrafo é composto por um áudio-texto (antes publicado) do portfólio do Museu Virtual do Disco de Vinil junto das imagens que dispararam sua escrita em conversação com o álbum Convoque seu buda do cantor e compositor Criolo. Disponível em: <https://museuvirtualdodiscoddevinil.com.br/portfolio/convoque-seu-buda/>.



O horizonte social no qual se realiza uma vivência, ou uma expressão, pode ser mais ou menos amplo e a distinção das várias camadas na ideologia do cotidiano está relacionada ao acabamento da expressão e condicionantes sociais-hierárquicas dessa interação, ainda assim, o caráter criativo da expressão é constituído pelas camadas superiores e mais acabadas do discurso interior moldadas pelas reações do auditório social, sua aprovação ou reprovação, desse modo, o enunciado é um produto da interação social, da coletividade do falante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216).

Considerando que a escolha da forma do enunciado está ligada a categoria valorativa do acontecimento entre os sujeitos da comunicação, e que o tom de um enunciado é determinado em especial sobre aquele com quem se fala, o ouvinte presumido (VOLÓCHINOV, 2019, p. 135), é importante destacar que tal enunciado se expressa na atualidade em diálogo com o grande tempo e se enriquecem de novos significados e sentidos ao vincular-se com o passado (BAKHTIN, 2017, p. 14).

Isso ocorre, pois, a consolidação do sentido de uma obra se dá a partir de enunciados já estáveis no dialogismo social, acumulando entendimentos do mundo atual ao se movimentar no tempo entre o momento da autoria (presente), irradiações do passado e projeções no futuro: criação em um ato singular e um evento único, atuando em uma cultura aberta em constante remodelação da construção de sentido atualizado (BAKHTIN, 2017, p. 16).

A música, como toda arte, determinou seu desenvolvimento a partir da intensidade das exigências do meio em relação à expressão criativa das suas vivências artísticas, mediante um tipo específico de pulsão, necessário para a transferência dessas vivências para fora de si, ao realizá-las nas formas do tempo e do espaço sonoro, justamente por meio daquilo que pode ser formulado como ‘imperativo estético’ (VOLÓCHINOV, 2019, p. 349).

Portando, é fundamental explicitar a orientação dessa obra, imperativamente estética (criativa), escrita para educadores integrantes da contínua rede discursiva do sentido, para os sujeitos falantes e participantes da paisagem antropocênica e associados àquilo que emerge de uma produção de saber em rede, imersos na cultura cibernética associada às existências múltiplas, à uma comunicação com um mundo vivido, com um *xote ecológico*²⁰ de um *país tropical*²¹.

É valioso, também, localizá-los no contexto de produção criativa dessa obra acadêmica autêntica permeada pelas sensibilidades oriundas da escuta, da polifonia com palavras outras, também singulares, avaliativas e criativas com relação ao seu contexto próprio. Por isso consolidamos fronteiras de criação na centralidade da playlist no tempo e no movimento ativo de concordância com sua expressão, com corresponsabilidade acerca de uma *riqueza de verdade*²², acerca dos efeitos colaterais de um *novo progresso*²³ midiaticizado por uma visão preferencial de mundo, que, *com as mãos manchadas de vermelho*²⁴ provoca descontínuos, oferece brechas para o *Homem Primata*²⁵.

A obra e o mundo representado nela adentra o mundo real e o enriquece, e mundo real adentra a obra e seu mundo como parte desse processo de criação,

²⁰ Xote Ecológico (Luiz Gonzaga).

²¹ País Tropical/ Spyro Gyro (Jorge Bem Jor).

²² Riqueza de Verdade (Matheus Souto) com áudio de Ailton Krenak.

²³ Novo Progresso é o nome do município no Pará que foi a primeira de muitas cidades na região Amazônica a decretar o infame "Dia do Fogo". O resultado disso foi a fumaça que chegou até a região sul do Brasil, e colocou o país negativamente nas manchetes de todo o mundo. Música de Matheus Souto.

²⁴ Mãos Vermelhas (Kaê Guajajara).

²⁵ Homem Primata (Titãs).

assim como parte da sua vida subsequente, em uma contínua renovação da obra através da percepção criativa dos ouvintes e leitores. É claro que esse processo de troca é cronotópico por si só: ele ocorre primeiro e principalmente no mundo social historicamente desenvolvido, mas sem ao menos perder contato a mudança histórica-social (BAKHTIN, 1996, p. 254). Tradução autoral.

O conceito de cronotopo para Bakhtin (1996) cujo “o presente e ainda mais o passado são enriquecidos às custas do futuro. A força e persuasão da realidade, da vida real, pertence ao presente e ao passado apenas- ao ‘é’ e ao ‘era’” (BAKHTIN, 1996, p. 147- Tradução da autora) adensa, por fim, disparadores presentes no contexto de uma criação promotora de conhecimento ao trazer materialização do tempo em determinado espaço, onde determinada ação, que ocorre histórico culturalmente, ressoa no tempo-espaço vivido dialogicamente durante o presente do autor (e do leitor) a partir de uma ação do passado, em uma produção do presente, que atuará no futuro próximo, cujos significados e entendimentos são de orientação emotivo-volitiva e orientação ética e responsável para com o agir ininterrupto, em constante reelaboração de uma *simples e suave coisa, suave coisa nenhuma que em mim amadurece*²⁶.

²⁶ Amor (Secos & Molhados).



3. DERIVA, DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS NA CIBERCULTURA UBÍQUA DO ANTROPOCENO²⁷

*Feralidade colateral inesperada
nascida da relação bizarra,
entre humanos e não humanos,
o imaterial, o vivo e o não vivo, unidos, em disputa,
em assembleias-territórios do sem querer querendo.*

*Sob o pretexto do salvamento e do avanço,
em um tempo-espço sem brechas para o luto(ar) de suas próprias ruínas.
O antropoceno se mantém na heteronormatividade, na desigualdade, na categorização,
nas pequenas perdas irreversíveis que colocam a sociedade à deriva, na contramão*

*Marcado por ecologias decrépitas transformadas em ruínas,
paisagens modificadas e (des)transformadas,
refúgios em construção,
parentes em comunhão,
que permite recompor sonhos decompostos,
viver os descontínuos da negociação
para sobrevivência coletiva de pragas,
perturbadoras perturbadas,
que se sobrepõe em possibilidades vorazes,
próprias, cultivadas*

Impermanências

O antropoceno é uma era de descontínuos que necessita de adaptações colaborativas em sinergias à procura de possibilidades para o fim do mundo. Perceber brechas e frestas no que habitamos, na cibercultura ubíqua na qual estamos imersos, são experimentações outras do nosso cotidiano em ruínas. Estar à deriva para atentamente tangenciar o sensível por meio de imagens nos leva à produção de diálogos singulares com o que vemos e com aquilo que conseguimos produzir de sentidos em desejos de tornarmo-nos floresta.

Escritos em conversação com fotografias do *Instagram*. Elaboraões humanas. Transbordamentos. Descontinuidades. Narrativas. Contaminações. Refúgios. Impermanências

²⁷ Texto integral presente em ALVES, Maria Carolina; CARVALHO, Daniela Franco. Derivas, diálogos e perspectivas na cibercultura ubíqua do antropoceno. [(In)] LOURENÇO, Keyme Gomes; CUNHA-JUNIOR, Ezequias Cardozo da, (org). Variações em Sessões: Cinema e Interdisciplinaridades II. Recife-PE: Revista F(r)icções, Uberlândia-MG: Pró-reitoria de Extensão e Cultura e Diretoria de Cultura, 2022

cosmicamente exercitadas. Mídias disparadoras de existências. Música deslizando em histórias. Pensamos o antropoceno, o fim do mundo, o perceber/ser floresta com tais autores: Anna Tsing, Ailton Krenak, Donna Haraway, Pereira e colaboradores, Susana Dias e Bakhtin.

Navegamos entre diferentes camadas nessa deriva. Perpassadas pelo tempo, pelo olhar sensível àquilo que permeia a Cibercultura ubíqua. Redes Sociais oferecem perspectivas inovadoras. Criações em rede: conectando-se exponencialmente, e ubiquamente, oferecem frestas e brechas. Contemporaneidade de emergências, momento em que se emerge produtos, consumos, criações e sinergias colaborativas e em que se evidencia necessidades em colapsos emergentes, urgências inocentes, não intencionais, que vão além do excepcionalismo humano.

O dialogismo bakhtiniano nos orienta nessa deriva. Deriva entre paisagens e perspectivas. Busca por parentes e refúgios na orientação dialógica do uso de mídias como construção de enunciado legitimado a partir dos sentidos, daquilo que marca, daquilo que nos demora. Entendemos que “somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade” (BAKHTIN, 2020, p. 129) ainda que “abrir os humanos ao cosmos exige a invenção de desvios das apostas incessantes da fixação e estabilização dos sentidos de humano, quer seja em fotografias, em desenhos, filmes ou instalações” (DIAS, 2020, p. 4).

Deriva, diálogos e perspectivas

“O ponto não é entender o que é, mas mostrar quão estranho e maravilhoso o mundo pode parecer visto de cima” @abstractaerialart

Temos pensado que agenciamentos, arranjos, associações, assembleias... quer dizer coletividades debaixo de “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2020, p. 15), botes salva vidas da deriva do antropoceno. A mercê do tempo, tempo passado, tempo presente, tempo finito, esse momento vai acabar independente de nós e das coisas do mundo, mas até lá, o que será?

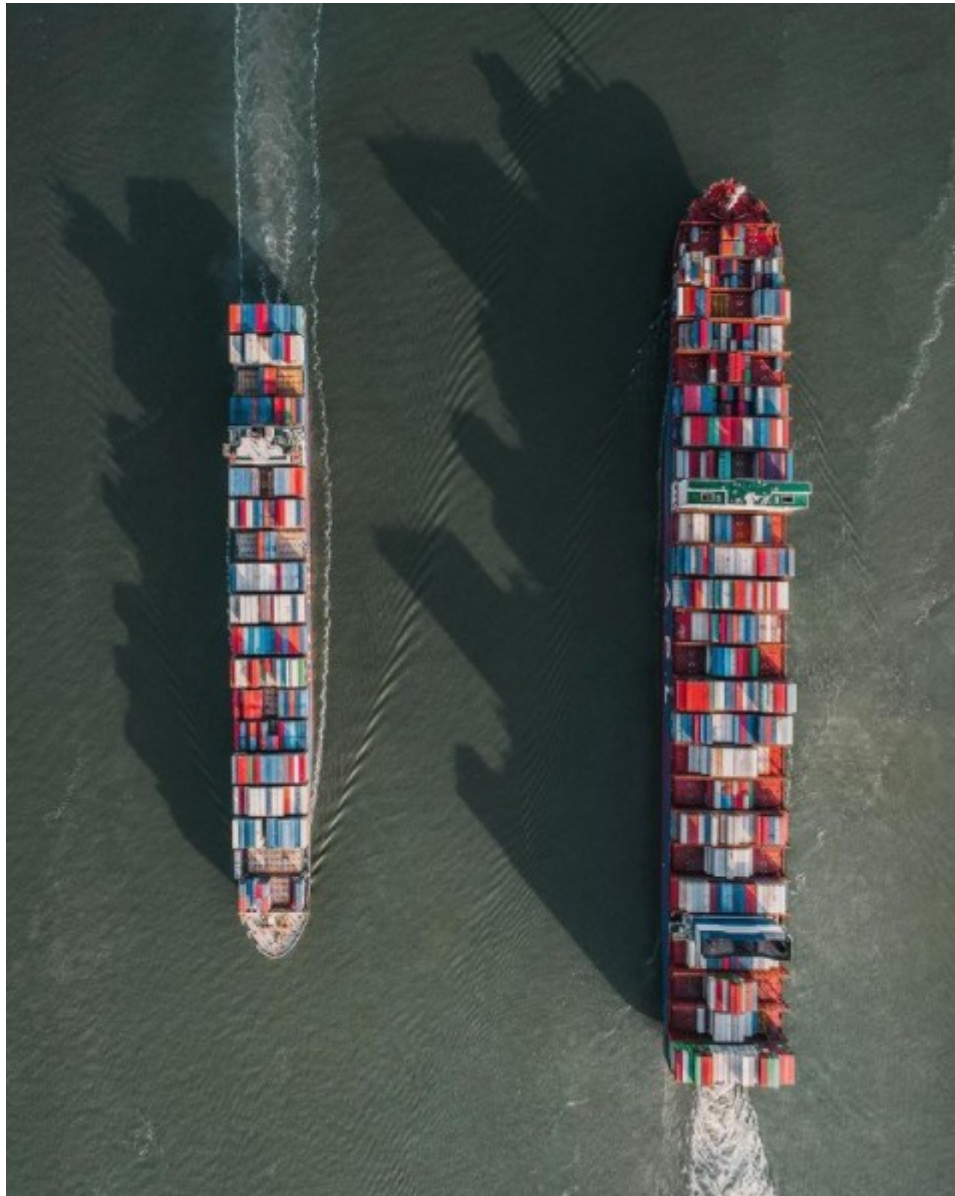


Figura 1: **Import Export** de @abstracaerialart²⁸

Quais ecologias viveremos? Quais histórias perpassaremos? O que dizemos quando enunciamos, o que quer seja, nessa deriva? Quem nos ouve para além da imensidão do mar azul profundo por onde passam cargueiros-moluscos espremendo-se entre canais? Não são questões físicas-fisiológicas entre a vibração do ar em nossas cordas vocais e sinapses nervosas que estão em jogo. Nem tão pouco a conta (pouco) lógica de ganho e perda na balança ecossistêmica entre os danos socioambientais da cadeia produtiva, que alimenta esses cargueiros, e aquilo que se ganha com ela.

É como chuva pesada na floresta, como rios que desembocam em sonhos.

²⁸ Disponível em <https://www.instagram.com/p/B8rGxsNHZdw/>. Acesso em 27 de setembro de 2021.

Multiplicidade, heterogeneidade, aquilo que se destaca, se diferencia, parece ser a força que age pros dois lados nesse modelo imposto. Se por um lado a divisão de classes e desigualdade alimenta a máquina produto-consumidor enquanto pessoas, culturas, produções, ecossistemas e etc. são colocados à margem, submetidos às consequências de um dito desenvolvimento, do outro lado tem-se a possibilidade da força feral. Enquanto “a vida feroz tira proveito da perturbação humana para fazer as próprias coisas” (TSING, 2019, p. 16), Susana Dias (2020) nos convida a perceber/ser floresta em congruência da potência coletiva, na sensação e no afeto do “fazer floresta” enquanto observamos e vivenciamos no entremeio do fazer coletivo humano e não humano.

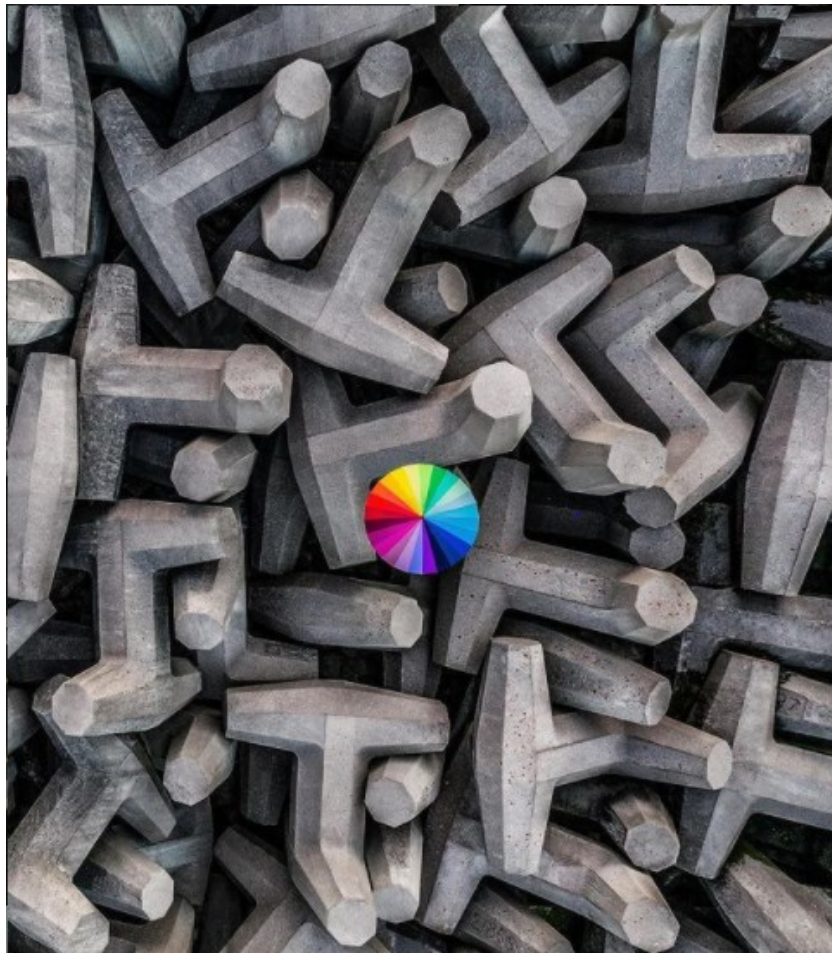


Figura 2: **Force Quit** de @abstracaerialart²⁹

Nesse processo podemos formar teias relacionais, nos protegendo da chuva embaixo de guarda chuvas coloridos, onde podemos nos escutar, onde podemos ressoar enquanto o seu lobo

²⁹ Disponível em https://www.instagram.com/p/By-by_dHB0o/. Acesso em 27 de setembro de 2021.

não vem, quer dizer, enquanto o liquidificador-antropoceno movido por tal força multidirecional não acabe:

O antropoceno marca descontinuidades graves, o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que nosso trabalho é fazer com que o antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar um com os outros em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstruir os refúgios (HARAWAY, 2016).

Essas descontinuidades são finais de mundos possíveis, apocalipses personalizados com parafusos capitalistas que apresentam a ideia do fim como mais palatável que abandonar a posição de consumidor. Um paradoxo dessa visão etnocêntrica ancorada na ordem de poder, na dominação e na categorização. Uma sociedade à deriva. Ailton Krenak (2020, p. 30) considera o fim do mundo um evento de breve descontínuos de um estado de prazer do qual não queremos abrir mão, o perigo dessa perda iminente é a possibilidade propagandeada na intenção de nos fazer desistir de nosso sonhar.

O cultivo de nossos sonhos é a fresta por onde afetos constituem refúgios, fabular o entremeio das narrativas e trajetórias pessoais que se fortalecem gavinhas em paisagens instigadoras de sobrevivência colaborativa. Sonhamos entre compostos minerais e orgânicos em um lugar em que suas diferenças são irrelevantes. Formamos arranjos assim ao nos encarregarmos de nossa historicidade viva, como meio de transpor as narrativas impostas pelo antropoceno, e fomentar habitalidades mais que humanas, mais que individuais: pensada em (por) parentes (TSING, 2019, p. 256) (KRENAK, 2020, p. 25).



Figura 3: **Muro** de @ricardotvaz³⁰

Uma deriva atenta.

De experimentação plena do que se habita no antropoceno.

Um olhar para o mundo estando nas frestas, nas brechas de muros enormes de não. Entre tijolos de vidas compactadas nas impossibilidades de futuro. Em corpos fragilizados pelas dores do cotidiano, em silenciamentos de si. Ruínas do poder amparado na heteronormatividade. Lugar onde não há abrigo. Um espaço decomposto, ruína e salvação nossa. À deriva percebemos paisagens refúgios, pensadas em desejo, na introspecção, no antropoceno, para aqueles ameaçados, destoantes, ameaçados em coexistências.

Em contemplação das ruínas estando imerso em fragmentos concretos do que se ruiu. Com Anna Tsing nos deixamos contaminar pelo efeito feral, dano colateral não projetado da ação humana, infraestruturas arquitetadas para (e por) nós em ruínas exploradas por não humanos. Habitação coletiva, simbiótica quase imperceptível. Socialidade mais que humanas.

Cenários possíveis são despertados em sonhos moínhos ao anunciar “possibilidades de um futuro desconhecido a ser fabulado” entre brechas, para além da esperança de um mundo melhor, como das agendas ambientais (PEREIRA et al., 2019). Com Donna Haraway (2016) pensamos o antropoceno como um evento limite, as relações civilizatórias nesse mundo decomposto, marcado por discontinuidades, é o trajeto por onde se faz possível reconstruir

³⁰ Disponível em <https://www.instagram.com/p/COxpv5UJ1Uy/>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

refúgios, entre parentes, de modo a “fazer parte de um bem estar maior [...] agindo como meios e não apenas como fins”. Refúgios são espaços de recuperação biológica-cultural-política-tecnológica onde se inclui o luto por perdas irreversíveis (HARAWAY, 2016)

Impotentes diante da complexidade das perdas, do luto, da brevidade das transformações, da violência. Ao mesmo tempo em que se ocupa com o porvir, com o que se segue, com as tarefas do dia-a-dia, com os chamados do agora.

Vivências percoladas nos escombros.

Percepções de paisagens alteradas, não só, e menos importante ainda, as naturais, mas também as que dialogam com o universo cultural em suas alegorias naturais de esperanças e medos como meio de reflexão e avaliação do viver permeado nessa/ por essas ruínas. O antropoceno é um período para além do controle humano e seus efeitos colaterais a partir de suas intencionalidades de criação. Espaço alterado em avalanche incontrolável de alterações da biosfera (TSING, 2019, p. 251).



Figura 4: **Motiongraphics.** @kiyanforootan³¹

³¹ Disponível em <https://www.instagram.com/p/BfmNOiGFIX3/>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

Estar em fuga. Vestir-se de sonhos e sair à deriva, à procura de algo que possa ser sugado, lambido, degustado por caminhos ainda não pisados. Em reinvenção do corpo em movimento. Em outras dimensões teciduais para ancorar um sistema sanguíneo etéreo que traga fluidez e velocidade para a fruição de um mundo prestes a sucumbir. Em que se possa percorrer caminhos em suspensão. Arrastando sobre o concreto uma bagagem de experiências mutantes, que se avolumam e se dissolvem em novas relações. Em outros sentidos.

Pereira e colaboradores (2019) provocam o sonhar em/um mundo em ruínas, nos levam a pensar o fim dos tempos, deste tempo em ruínas antropocênicas, sem a certeza de o que ou quem deixou de existir ou ainda existe em uma ecologia decrépita e desesperançosa em pensamentos e suas manifestações de realidades, que são, ao mesmo tempo, (de)compostas e recompostas em existências múltiplas.



Figura 5: **Grass Creation.** @jeanneksimmons³²

Sendo conexão. Em entrelaçamentos com todos os seres. Em misturas gente-planta-terra. Cavando buracos internos que permitem deitar-se no solo, trançando a vida ao outro, aos outros, em alteridades. Em processos de outramentos. Sendo. Sendo floresta. Fazendo parentes. Impregnando células vegetais em trocas energéticas que permitem adiar o fim do mundo, em si. Em criação de elos de força biológica. Grupais. Únicas.

Único, estranho e maravilhoso como pode ser o mundo visto de cima. Ouvir e sentir com outros olhos, como a amadurecência³³ de uma alteridade não mais disfarçada, não mais que deva ao devir (OTM, 2008). Com Susana Dias (2020) aceitamos o convite da *aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo*³⁴ na medida que nos interessamos menos em

³² Disponível em <https://www.instagram.com/p/BklWC31H32j/>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

³³ Amadurecência é o título de uma música da banda O Teatro Mágico, disponível nas plataformas digitais.

³⁴ Título de primeira sessão na publicação “Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo” de Susana Dias (2020)

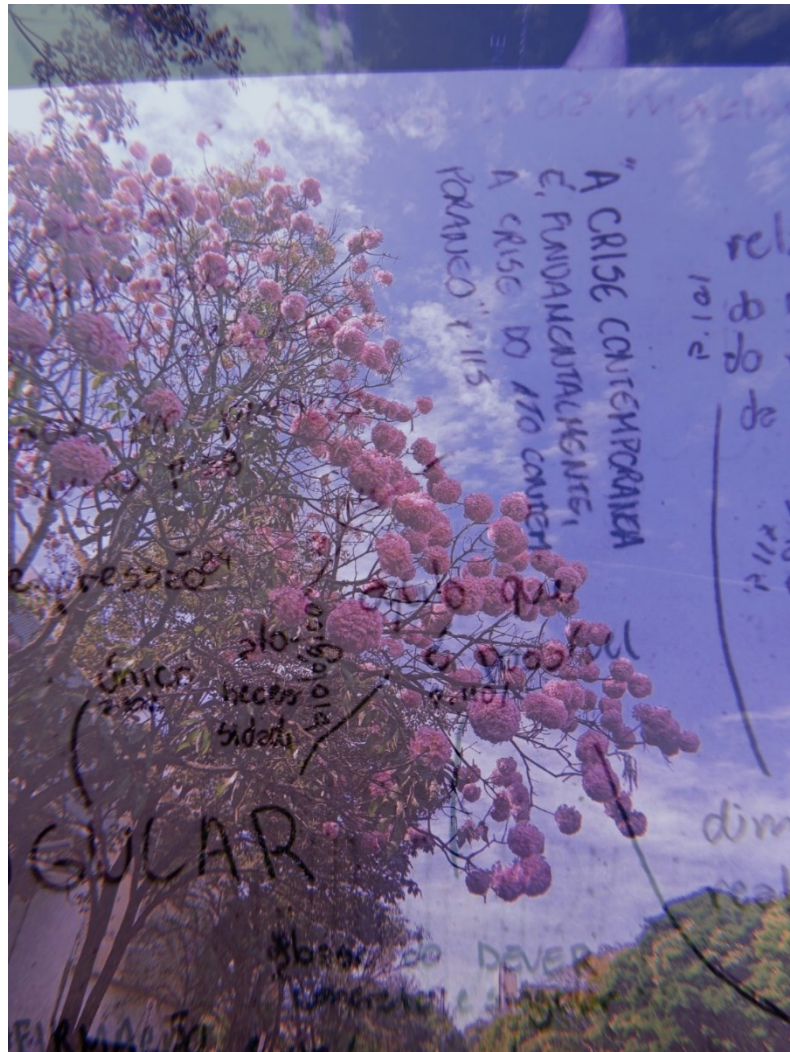
comunicar algo já dado e mais em ressoar, em escuta, e em devires, aquilo que emerge além do excepcionalismo humano.



Figura 6: **Wrecked** de @abstractaerialart³⁵

Remos expansores de subjetividades nos levam sobrepondo camadas que emergem em direções contrárias àquelas que já existiram antes. Guiados em direção à expansão de um horizonte existencial que nos permita manter nossas visões e poéticas, que nos permita ressignificar histórias, nos esporular em uma cosmovisão crítica e criativa (KRENAK, 2019, p. 15). O antropoceno é uma era de emergências (TSING, 2019, p. 23). Essa força também é multidirecional, alimenta colapsos ao mesmo tempo que traz a potência daquilo que aflora. Além da força feral, na qual podemos inspirar nosso modo de ver e fazer o mundo, uma emergência contemporânea está na ordem da criação.

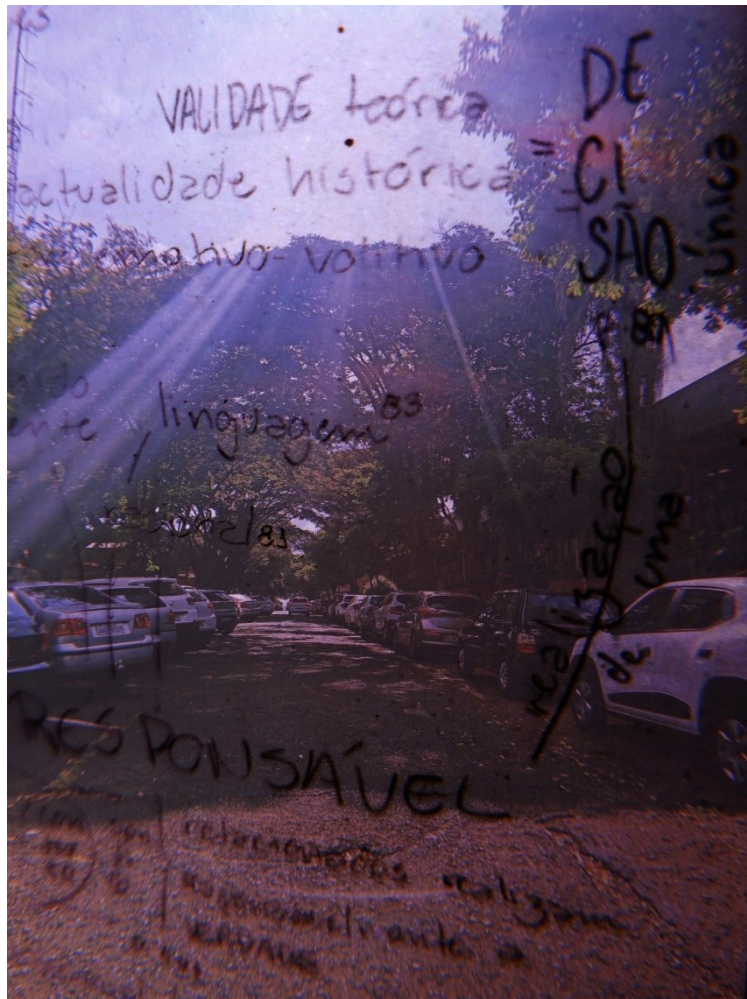
³⁵ Disponível em <https://www.instagram.com/p/BzGKaQlHSIQ/>. Acesso em 27 de setembro de 2021.



Inventar, como ar que sopra tecidos flutuantes, experimentações, que na união, em parentes, em refúgios, possam se materializar abrigos outros quando lançadas à sorte da anemocoria³⁶ cibercultural. Constituída a partir da ubiquidade e mobilidade do uso desse espaço por agentes sociais mediados pelas tecnologias e interfaces digitais, o entendimento da cibercultura pode ser transposto na interação e imersão desse sujeito para com o viver em sociedade: “o pensamento é construído por redes e associações, produzimos novos saberes em rede hipertextual, não pensamos linearmente” (SANTOS, 2019, p. 126).

³⁶Dispersão de sementes e frutos pela ação do vento.

Junto de Bakhtin (2020, p. 116), pensamos a produção de conhecimento como efeito colateral de um processo criativo consciente, dialógico, e apoiado na responsabilidade concreta da vida como evento. A “compreensão [...] como visão do sentido, não uma visão fenomênica e sim uma visão do sentido vivo da vivência da expressão, uma visão do fenomênico internamente compreendido” (BAKHTIN, 2011, p. 396) a partir daquilo que nos desperta amorosidade e potência frente a crise do ato contemporâneo (BAKHTIN, 2020, p. 115).

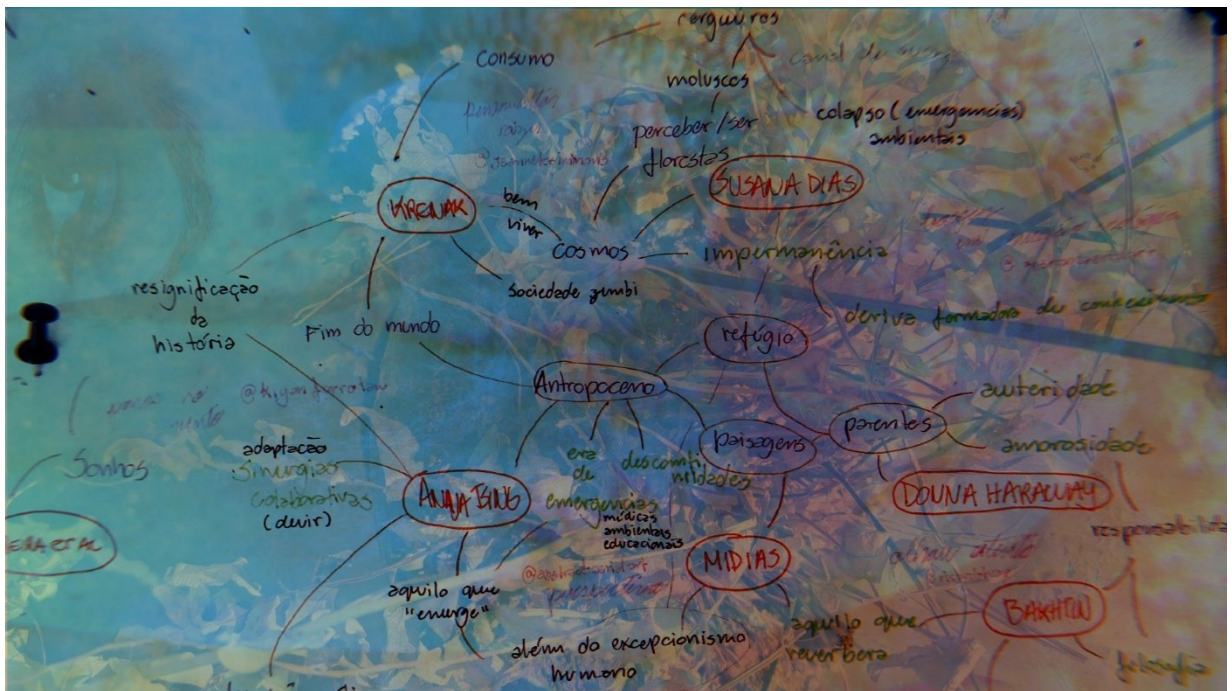


Essa relação íntima com o evento-vida em ato dialógico especulativo que nos provoca Bakhtin (2020, p. 116) e seu círculo, compõem o movimento de compreensão orientado de dentro para fora do falante. É uma parte da existência, uma capacidade de agir a partir de uma vivência orientada por uma expressão exterior, ou seja, “aquilo que é vivido e expresso muda de aspecto e é forçado a buscar um meio termo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 203). Ampliamos esses encontros com Susana Dias (2020) na perspectiva de se ganhar intimidade com a matéria ativa em nossa volta e fomentar diálogos:

Não se trata de falar sobre florestas, mas um perceber-fazer floresta por outros modos de existências sensíveis, modos de exigências fotográficos, pictóricos, escultóricos, cinematográficos, performáticos, de escrita, etc...Um perceber-fazer floresta que não pede apenas narrações, mas a invenção de uma outra língua, pede um ato especulativo (DIAS, 2020).

Em contaminação pelas idas e vindas de cargueiros, por guarda-chuvas coloridos em perspectivas inusitadas, pelos muros em frestas, pela fugacidade que podem tecidos ter, pelas raízes e conexões que alimentam outramentos, e pelas derivas por onde caiaques sobrepostos em ruínas podem nos movimentar, percebemos paisagens-refúgios em fotografias disparadoras daquilo que reverbera de sua comunicação dialógica. Para Bakhtin (2020, p. 117) “um tal ato não deve se contrapor à teoria e ao pensamento, mas incluí-lo em si como momento necessário, inteiramente responsável”.

A posição dialógica em que nos colocamos a partir de um movimento de resposta àquilo que as fotografias, as mídias (em suas tantas possibilidades de divulgação), e os espaços que elas ocupam, fomentam manifestos fecundos de mais brechas e multiplicidade quando direcionadas do interior de nossas subjetividades para a materialização de um texto escrito. Criamos enunciados, processo de consciência crítica. Criação de expressões a partir da vivência, e compreensão cada vez maior, desse mundo em ruínas. Ubíquo.



4. NARRATIVAS DE CIENTISTAS, DESDOBRAMENTOS DA UNIDADE DA PALAVRA:

Para a escrita deste capítulo³⁷, mobilizamos memórias e afecções de nossas vivências como alunos/as- estagiários/as- professores/as na disciplina Ciências e Mídias, tecendo-as com o que emergiu em escritas de graduandos a partir do entendimento deles em torno dos estereótipos dos cientistas e da ciência. Para tal, também retornamos aos materiais utilizados nas aulas – fotografias, vídeos, textos, entre outros – e nos registros de nossas experiências, materializado em mapas mentais, texto de campo desse texto de pesquisa.

Através da problematização de manchetes jornalísticas e de imagens disponibilizadas na internet, debruçamo-nos nas narrativas – materializadas em resenhas – produzidas pelos/as estudantes a partir das imagens popularizadas da ciência e de cientistas presentes no imaginário e no cotidiano midiático. Presentes também na própria vivência, que reverbera a autoria, em negociação, do contato da disciplina em quatro momentos distintos: em 2015, 2016, 2018 e 2022. Momentos, respectivamente, em que o componente curricular foi cursado para integralização de currículo da licenciatura, duas monitorias durante a graduação e o retorno durante estágio docente no mestrado acadêmico.

Juntamente das questões de gênero, as discussões étnico-raciais foram problematizadas nas narrativas dos/as estudantes. Questionamentos acerca do papel da ciência, nos últimos séculos, diante dos corpos racializados foram tecidos juntamente da dimensão de gênero. Percebemos, assim, as multiplicidades que estão em jogo ao mobilizarmos a educação em ciências e, em específico, a formação inicial de professores de ciências e biologia em formação, entendidas como resposta, uma atitude responsiva, interlocutora ativa, criadora de sentido individual, única, em movimento de reavaliação de ideologias cotidianas.

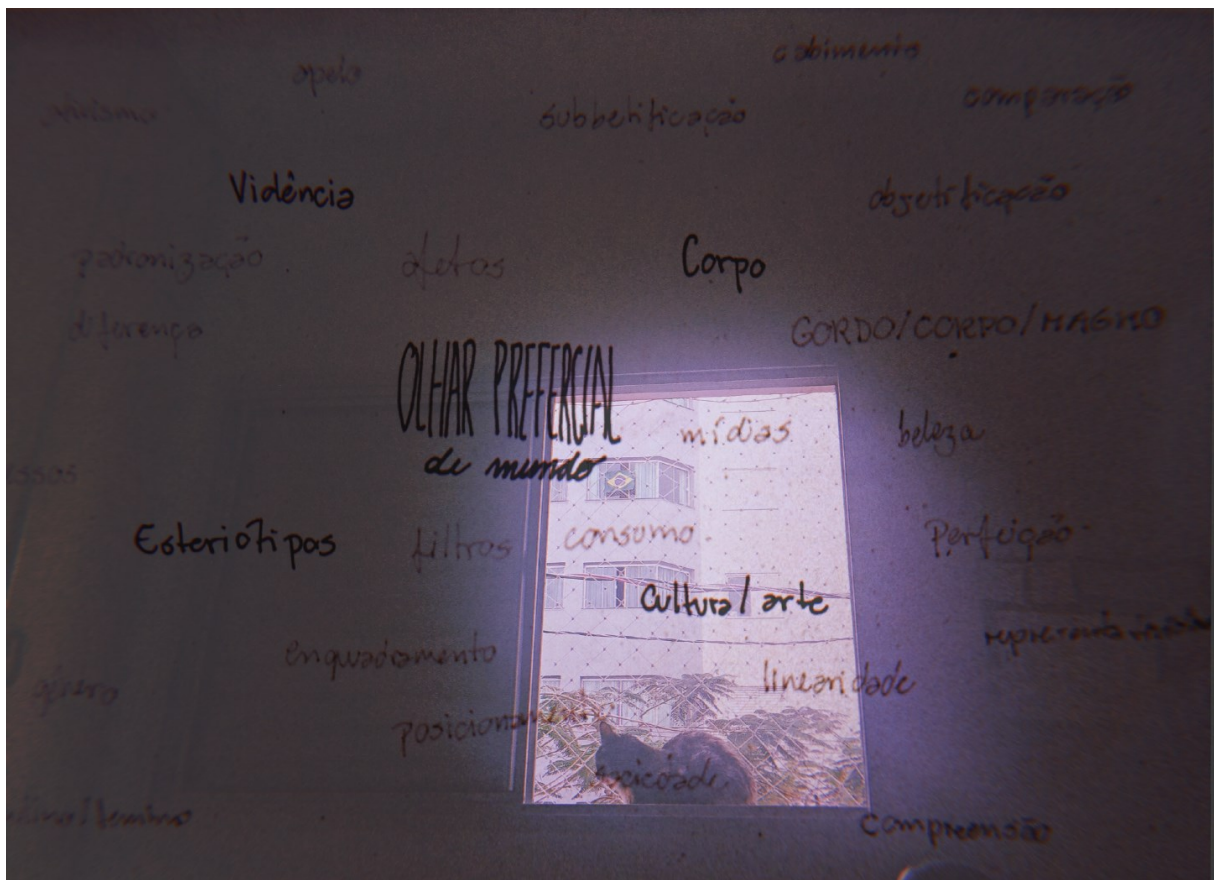
Desenvolver um olhar atento às mídias tem sido um dos investimentos principais da disciplina Ciências e Mídias, questionando e problematizando os discursos e práticas

³⁷ Composto pelo trabalho intitulado "Problematizando narrativas midiáticas de cientistas e de Ciência na formação de professores" aceito para apresentação no 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, realizado virtualmente de 23 a 26 de maio de 2022. Disponível em: https://www.sbece.com.br/resources/anais/9/sbece2022/1653066949_ARQUIVO_d70bebc8fce32a209417f052fa10bc76.pdf.

instaurados nestes veículos de comunicação. Nos educamos pelas mídias, aprendemos com elas e, notoriamente, elas extravasam e adentram também os espaços de educação formal.

A partir do desenvolvimento de atividades que despertem possibilidades de mobilizar as mídias na problematização das imagens de cientistas e da ciência, os/as estudantes puderam tecer narrativas acerca das inquietações que os atravessam. Estes atravessamentos nas aulas – e a partir delas – transbordaram nas resenhas, nas articulações escritas, nos ensaios de críticas e possibilidades outras de se relacionar com a ciência, a educação, a vida e o mundo.

Ou seja, a observações das aulas e análise das resenhas, juntamente das leituras e encontros conceituais, percebemos que são tensionadas as questões de gênero, raça, etarismo e classe econômica. A disciplina Ciências e Mídias, espaço de formação de professores de ciências e biologia, possibilita meios para a desconstrução de preconceitos. Assim, no questionamento das narrativas vigentes apresentamos outros significados possíveis para signos já presentes no imaginário cotidiano dos estudantes.



Com o auxílio dessas narrativas midiáticas, que contribuem para a formação de professores/as de biologia e de ciências, e para uma atuação responsável e criativa mediante às complexidades do contemporâneo, buscamos, então, integrar conhecimentos científicos,

sociais, e culturais a partir do estudo coletivo de expressões artísticas e midiáticas potentes que auxiliam no questionamento das ciências da natureza e as formas de produzi-la, apoiados na filosofia linguística de Mikhail Bakhtin, e seu círculo.

Para Bakhtin o acontecimento da linguagem é definido por relações dialógicas, de sentidos, estabelecidas entre enunciados da interação verbal. Distintas vozes do mesmo enunciado representam no dialogismo diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação de forma responsiva, reagente, compreendendo ativamente os enunciados produzidos ideologicamente na consciência individual (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 118).

Perpassamos essas narrativas midiáticas na fronteira entre sujeitos e signos sociais-culturais que foram produzidos, e reproduzidos midiaticamente, em um movimento de questionamento, também em resposta, com outros sujeitos, signos, significados, vozes e valores entre narrativas outras.

É nessas fronteiras, vindas da inter-relação entre o objeto de estudo e contexto que o emoldura, que se realiza o pensamento cognoscente, isso é, um encontro daquilo que já foi criado e enunciado, e daquilo que virá em resposta à tal (BAKHTIN, 2016, p. 76).

Cada enunciado é uma resposta, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo; é um elo da corrente ininterrupta da comunicação sócio cultural. E, ao mesmo tempo que responde (no sentido de tomar uma posição socioaxiológica), espera uma resposta (espera que outros assumam uma posição socioaxiológica frente ao dito). Todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa resposta e objeções potenciais, procura apoio etc. (FARACO, 2009, p. 59).

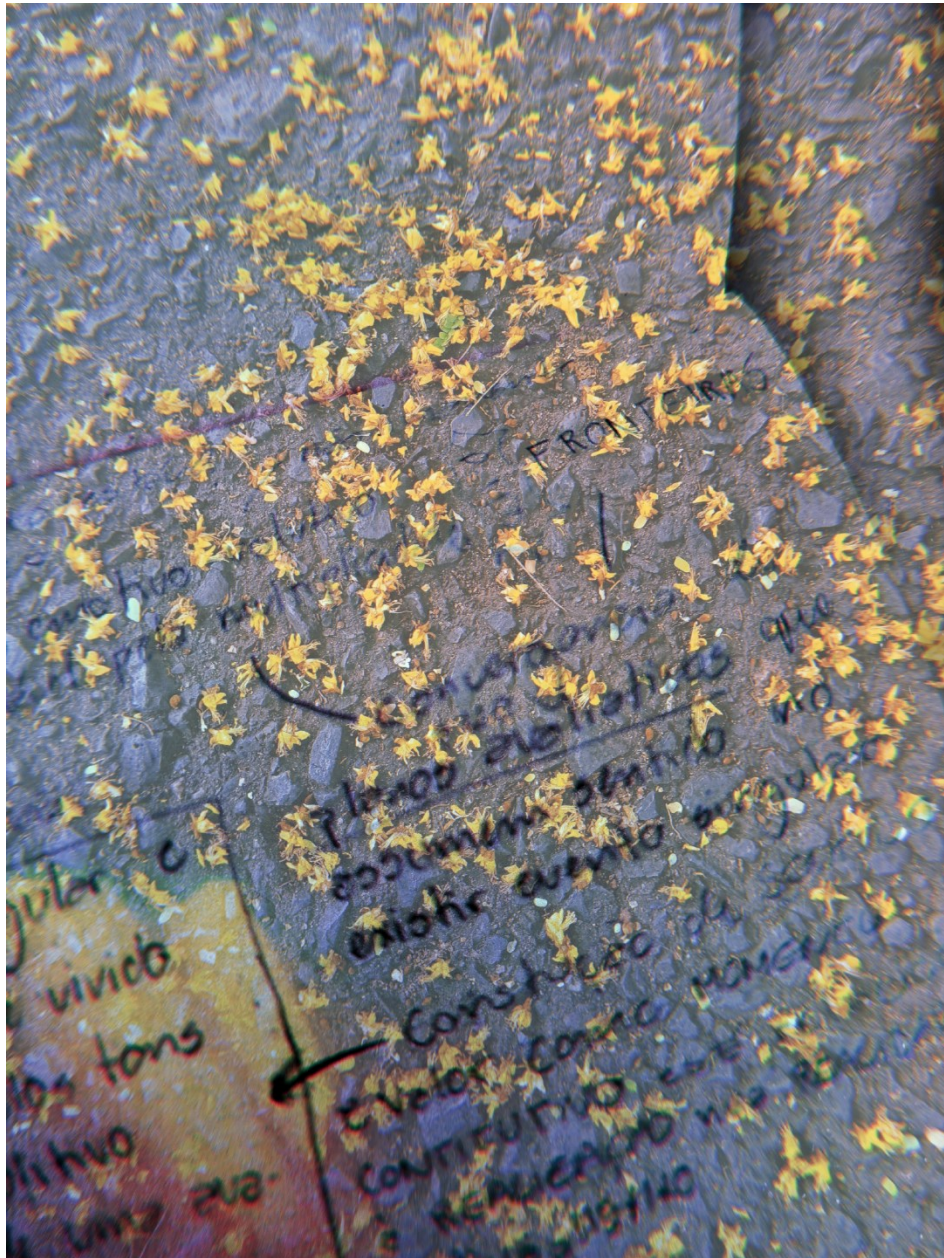
Para além do caráter avaliativo, isto é, axiológico, do enunciado quanto produto da interação social, apoiamos a presente discussão, também, no questionamento do teor ideológico, que é reproduzido sociologicamente, através de enunciados tais que narram uma visão favorita de mundo quanto ao entendimento ideológico, reproduzido midiaticamente, do dito científico, mas que, apesar de possuírem signos repetíveis, são abertos, inacabados, e por isso plausíveis de problematização e desconstrução.

No entendimento de que os sistemas ideológicos formados são cristalizados na ideologia cotidiana que dita o tom responsivo de dada situação (VOLÓCHINOV, 2017, p. 213), e, de que, o conhecimento e compreensão do acontecimento, sobre o qual se enuncia juntamente de sua avaliação comum, fazem parte desses discursos presentes no cotidiano dos agentes

sociais: pode-se dizer que a paisagem de enunciação apresenta signos e aspectos subentendidos, aquilo que o Círculo denomina “dito” e “não-dito” em relação com a palavra (VOLÓCHINOV, 2019, p. 119–121).

Ou seja, na formulação semântica de enunciados que apresentam significância na cadeia sócioaxiológica de diálogos existe o conteúdo explícito, uma escolha estético-verbal vinda do falante (emissor), e, também, aspectos subentendidos, que, se organizam de dentro para fora do falante em uma expressão avaliativa e responsiva daquilo que ele já viveu.

Trata-se aqui de palavras, entonações, gestos intraverbais, que passaram pela experiência da expressão exterior em uma escala social maior ou menor, que foram por assim dizer socialmente bastante moldados e polidos pelas reações e réplicas, pela reprovação ou apoio do auditório social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216).



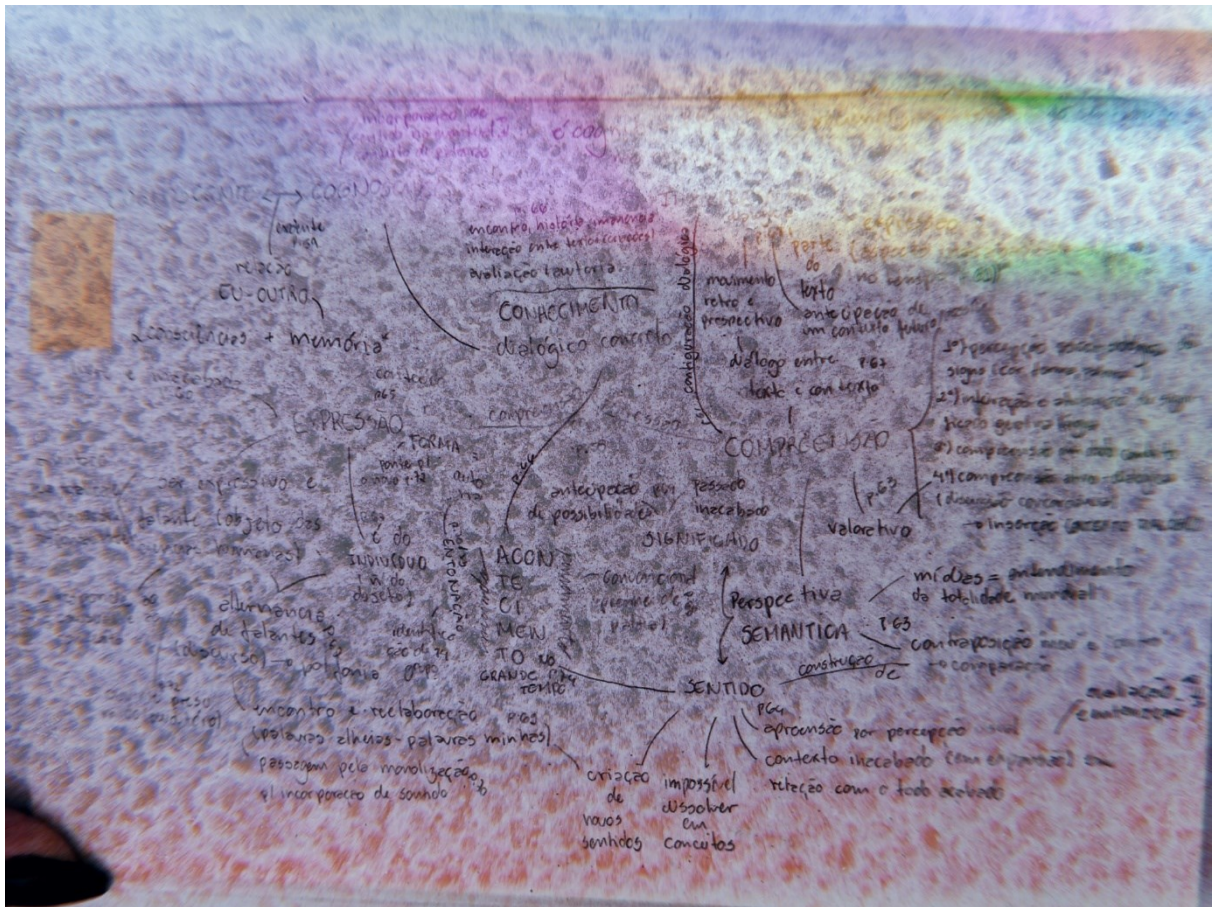
Esses campos de criação ideológicas refratam a realidade a seu modo próprio, e fazem isso de maneira integrante, não como um reflexo ou sombra, mas compondo signos materiais dos fenômenos ideológicos, por sua vez determinados pelo conjunto de leis socioeconômicas que permeiam o auditório social e o contexto dialógico em questão, e, por isso, são dotados de significado sociocultural porque “tudo o que é ideológico possui significação sîgnica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Ou seja, aquilo que é ideológico integra sempre um posicionamento social valorativo, e se produz significado produz signos repetíveis.

Nesse sentido, ampliamos a discussão sobre signos de cientistas ao balizar tais narrativas midiáticas quanto produto cultural, conseqüentemente presente no cotidiano de estudantes da disciplina Ciências e Mídias, de docentes, de pesquisadores, de sujeitos plurais, que são únicos, irrepetíveis e também fomentadores de outros produtos culturais, criações intelectuais e ideológicas outras.

A cultura atravessa as nossas vidas de múltiplas formas. Somos sujeitos culturais, produzindo-nos em nossos múltiplos encontros com outros seres. Nos nossos trajetos, nos educamos não somente através das aulas, dos processos de escolarização e de educação formal, mas também pelas pedagogias culturais traçadas em diferentes espaços. Diversos produtos – filmes, músicas, comerciais, produções midiáticas e artísticas – traçam pedagogias culturais, engendram modos de ver o mundo, de viver, de nos relacionarmos e de aprender, também ressoando nos cotidianos escolares (FISCHER, 2002).

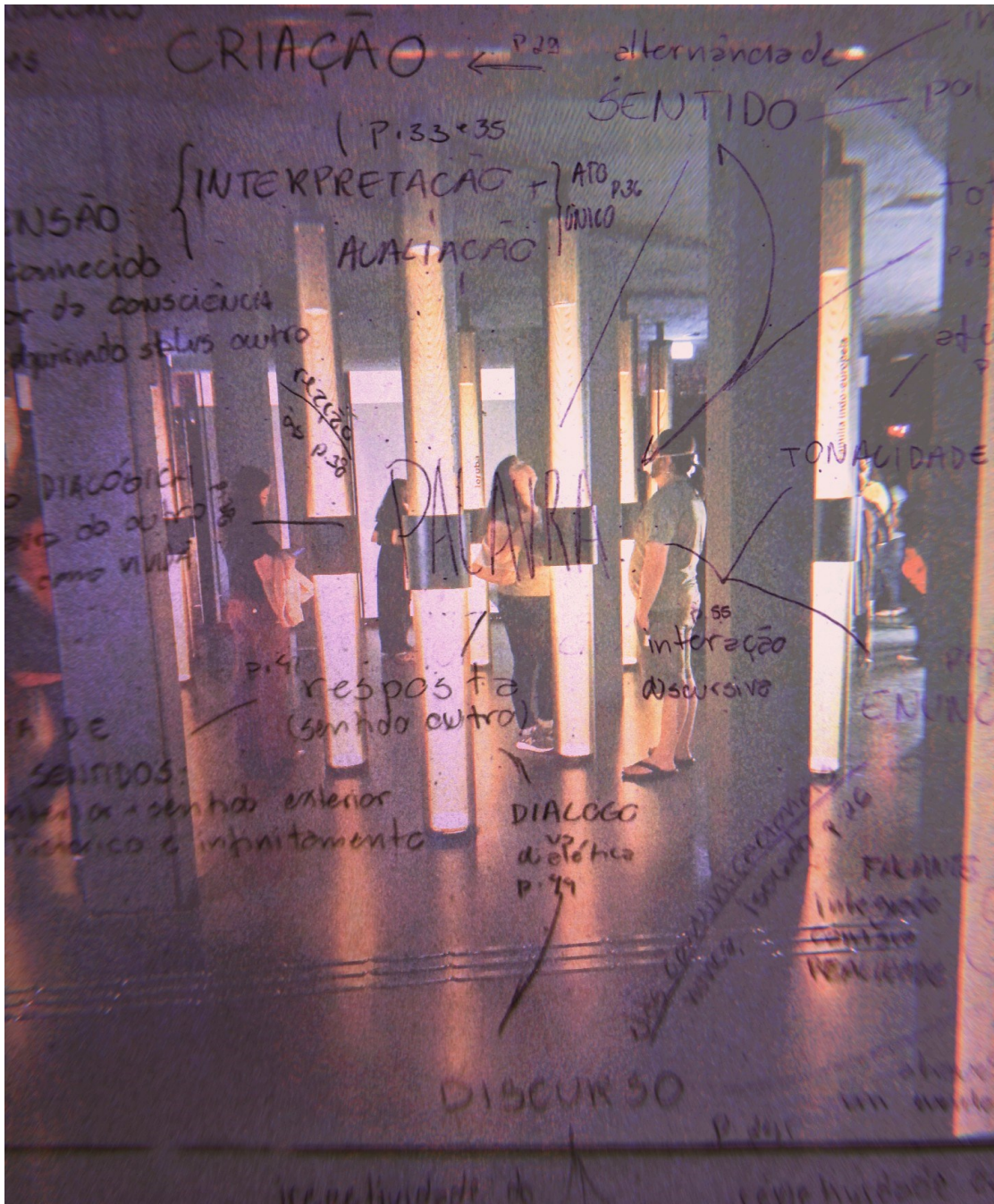
[...] poderia dizer-se que a mídia se constitui um espaço de “visibilidade de visibilidades”; ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo. Da mesma forma, poderíamos dizer que a mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia 67e duplicá-lo-ia, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido. Isso quer dizer, então, que ela também estaria simultaneamente replicando algo e produzindo seu próprio discurso, sobre a mulher, sobre a criança, sobre o trabalhador (FISCHER, 2002, p. 86).

Essa consciência individual é construída a partir da interação, o universo da cultura se constrói, de forma social-dialógica, entre seus signos e seus sujeitos, como em uma dinâmica histórica da comunicação que já prevê réplicas ao já dito, uma atitude responsiva, como um grande e infinito diálogo, logo, os produtos culturais também são marcados por ideologias criativas – produções artísticas, filosóficas, científicas, políticas, éticas, de todas áreas do conhecimento intelectual humano- que transitam entre o mundo da cultura e o mundo da vida (FARACO, 2009, p. 42–48).



Pensamos essa compreensão de mundo, em consonância com Bakhtin (2016, p. 86), de que apenas signos, quanto produtos de cultura imaterial, têm significado, inclusive, e especial, a unidade da palavra, que segundo Volóchinov (2017, p. 99), ao mesmo tempo que é um signo puro, é também neutro.

Por isso, a palavra adensa a materialização dessa dinâmica de inter-relações responsivas ao compor enunciados que se organizam de dentro para fora (BAKHTIN, 2016, p. 54) em um movimento valorativo-criativo individual, uma vez que “acompanha e comenta todo ato ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100) através de uma avaliação social fundamental que pode ser reelaborada enquanto signo da realidade concreta (VOLÓCHINOV, 2019, p. 221–222).



Esse processo de interpretação, avaliação e reavaliação externalizado em palavras-signos que se repetiram nas resenhas, através de um movimento de “concordância-discordância ativa” de compreensão da realidade, é formado pela interação entre “o repetível e a descoberta do novo” através de uma interpretação criadora no processo de comunicação dialógica, em encontro com a palavra do outro (BAKHTIN, 2017, p. 36).

Logo, a natureza de diálogo aberto presente na disciplina Ciências e Mídias, que ocorre em encontro síncrono após a produção de resenhas, se mostra crucial na desconstrução de narrativas dominantes ao resgatar o repetível e fomentar reavaliações sîgnias para os mesmos signos, em exercício de revisita à própria produção que se choca com a oferta de novas

provocações e possibilidades de existência de cientistas, de professores, de pesquisadores em devir, no vir a ser. Isso porque:

Em contraposição aos processos de sujeição, que se constituem mediante os dispositivos disciplinares de normalidade e da diversidade, a diferença se constitui pela auto-afirmação do outro, que resiste contra a violência física e simbólica dos processos de colonização. A irrupção (inesperada) do outro, do ser-outro-que-é-irreduzível-em-sua-alteridade, cria um distanciamento, uma diferença entre perspectivas, um entrelugar, um terceiro espaço que ativa o deslocamento entre múltiplas alternativas de interpretações e ao mesmo tempo constitui os posicionamentos singulares no contexto desta luta de interpretações possíveis (FLEURI, 2006, p. 512).

Entendemos que a disciplina Ciências e Mídias atua nesse terceiro espaço, como uma paisagem que potencializa questionamentos acerca de ciência e cientistas ao entrecruzar vozes distintas, que viveram e experienciaram diferentes momentos históricos e vivências que, por sua vez, ao promover, consciência individual de caráter avaliativo e criativo dos enunciados ideologicamente comprometidos, questiona os próprios sistemas ideológicos e suas ideologias cotidianas.



Evidentemente o processo de desconstrução e penetração gradual de dispositivos de formação ideológica, como a mídia, por mais revolucionário que seja, também sofre influência de sistemas ideológicos já formados e assimilam parcialmente formas e signos acumulados, assim como suas práticas e abordagens (VOLÓCHINOV, 2017, p. 215). Apesar disso buscamos brechas:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão reelaborados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do *grande tempo* (BAKHTIN, 2020, p. 79- grifo do autor).

Logo, a reorganização social desses signos e seus significados que se fez presente na produção das resenhas e no cotidiano pedagógico da disciplina Ciências e Mídias reverbera uma consciência individual, uma interação e replicação de narrativas ideológicas a seu próprio modo, reestruturando uma compreensão de mundo outra, organizada a partir da unidade da palavra no processo da reavaliação da visão favorita de mundo.

PALAVRAS FINAIS

Caleidoscopia de brechas e multiplicidades. Permeando as fronteiras da criação com aquilo que emerge da conexão entre a força imagética e a potência das cores e sons em um cotidiano com narrativas midiáticas que, em deriva, na paisagem de uma cibercultura tecnológica que fomenta sociabilidades modernas, instiga desconstruções e orienta questionamentos e escuta atenta na fuga da dureza do antropoceno enquanto se sonha a delicadeza da criação.

Vislumbres que ofertam provocações a partir de narrativas da vida em uma produção do saber em rede, e entendimentos da experiência, das vivências do cotidiano, aqui disparados por uma pesquisa sensível sobre comunicação, educação e mídias em paisagens do antropoceno marcadas por descontinuidades e heterogeneidades. Ruínas que, ao mesmo tempo que abriga refúgios e nos convida a ganhar intimidade com a matéria viva no compromisso de fazer/ser floresta, abriga também a feralidade, o efeito colateral daquilo que é criado em um arcabouço tridimensional cuja consolidação se dá na arqueologia da memória, no horizonte da pesquisa e no ato responsável.

Ação de reelaboração, de outramentos. Na recomposição de alteridades o lugar do outro ocupa uma participação única no existir evento, que é aberto e impermanente, cuja continuidade configura, ao mesmo tempo, a alternância das vozes dos sujeitos (polifonia) e a tomada de consciência a partir daquilo que emerge de novo em elementos já plenos de sentido de uma vivência organizada no movimento entre quatro dimensões- de dentro pra fora, de fora pra dentro, no passado e no presente, aqui e ali- pelo qual se orienta a consciência do autor a partir do entendimento emotivo-volitivo da situação extraverbal, repleta de signos subentendidos, axiológicos, ideológicos.

É com a ideologia cotidiana que se atribui sentido à determinado conteúdo do mundo da cultura ao longo do percurso de inteiração e novidade discursiva que ocorre nos limites da arquitetônica do mundo da vida: o movimento ativo de concordância e discordância, isso é, de avaliação e senso estético, configura a compreensão organizada a partir da expressão, dessa forma, a inteiração cognoscente, um conhecimento dentro da cadeia discursiva, se dá na radicalização da criação dialógica no grande tempo. Está no reconhecimento da criação o terreno frutífero dessa pesquisa no campo da educação ao provocar possíveis a partir de relações discursivas outras, criativas, lentes escalafobéticas na construção argumentativa da ciência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn. EDUCAÇÃO REMOTA: ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. DOI:
- BAKHTIN, Mikhail. M. **The dialogic imagination : four essays**. [s.l.] : University of Texas Press, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª edição ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1ª edição ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. 1ª ed. São Paulo (SP): Editora 34, 2017.
- CARMO, Renata De Oliveira Souza; FRANCO, Aléxia Pádua. DA DOCÊNCIA PRESENCIAL À DOCÊNCIA ONLINE: APRENDIZAGENS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 35, 2019. DOI: 10.1590/0102-4698210399.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom- Florestas [online]**, Campinas, 2020.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 28, p. 151–162, 2002.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação & Sociedade**, [S. l.], v. 27, n. 95, p. 495–520, 2006.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCon-Vulnerabilidade**, [S. l.], v. Online, n. Campinas, ano 3, n.5, 2016.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo (SP): Ed. 34, 1999.
- LORDÊLO, Fernanda Silva; PORTO, Cristiane de Magalhães. A internet como ferramenta de divulgação científica sobre energias renováveis. **UNICIências**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 313–332, 2011.
- PEREIRA, Ana Paula Valle; MARTINS, Daniel Ganzarolli; PEREIRA, Laís de Paula; SAMPAIO, Shaula Máira Vicentini De. Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo | ClimaCom. **ClimaCom- Povos Ouvir- a coragem da vergonha [online]**, [S. l.], v. Campinas. ano 6, n. n. 16, 2019.

SANTOS, Edmea. Educação on-line como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. *Em*: ALVES, Lynn; SANTOS, Edmea (eds.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2006

SANTOS, Edmea. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 1º edição ed. Teresina: EDUFPI, 2019.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Metodologia narrativa de pesquisa em Educação na perspectiva do gênero discursivo bakhtiniano. *Em*: **Metologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 91–127.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. ESCRITA-EVENTO NA RADICALIDADE DA PESQUISA NARRATIVA. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 33, n. 0, 2017.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. 1ª edição ed. [s.l.] : Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2º ed. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graziela. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. *Em*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 385.